Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

SYLVIA HASSELMANN

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistada – Sylvia Hasselmann (SH)

Entrevistadores - Paulo Gadelha (PG) e Ruth B. Martins (RM)

Data – 17/03/1987

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 2h55min

Resenha biográfica – Ruth B. Martins

Sumário – Lúcio Flávio Taveira

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

HASSELMANN, Sylvia. *Sylvia Hasselmann. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1987. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 61p.

Resenha biográfica

Sylvia Hasselmann nasceu a 25 de janeiro de 1913, no Rio de Janeiro. Primogênita de Djalma e Lídia Hasselmann, teve seis irmãos. O pai foi professor emérito de química da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde Sylvia iria estudar medicina, formando-se em 1935.

Optou pela carreira de sanitarista, diplomando-se em higiene e saúde pública na mesma universidade, em 1938. Foi a primeira colocada, merecendo a medalha de ouro do Prêmio Carlos Chagas.

Mas Sylvia Hasselmann adquiriu a primeira especialização no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Ela foi a primeira mulher a freqüentar o Curso de Aplicação do IOC, em 1931 e 1932, onde foi colega daquele que, anos mais tarde, viria a ser seu companheiro: Walter Oswaldo Cruz. Com ele teve as duas filhas, Isar e Vera.

Também no Instituto Oswaldo Cruz, antes mesmo de formada, iniciou em 1933 sua atividade profissional como auxiliar acadêmica. Depois foi técnica de laboratório do Departamento Nacional de Saúde, onde ainda trabalhou como médica sanitarista concursada de 1942 a 1968.

Esteio afetivo e secretária *full-time* de Walter Oswaldo Cruz, Sylvia Hasselmann teve também profícua carreira profissional. Enquanto ele se dedicava a pesquisar anemias em geral, em Rochester, Nova Iorque, em 1941, Sylvia fazia estágio de seis meses no Health Bureau Laboratory e, em 1945, estagiou por dois meses no Statistics Health Bureau de Washington, D.C. Outro curso de estatística que freqüentou, em 1951, foi o da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Na década de 40, dedicou-se também ao ensino. Foi professora assistente dos cursos de estatísticas vitais e registro estatístico de organização hospitalar do Departamento Nacional de Saúde, onde também ensinou técnicas de laboratório. Foi professora de estatísticas vitais na Escola de Saúde Pública de Belo Horizonte.

A sólida formação profissional lhe permitiu exercer funções diversificadas, em instituições de peso. Foi técnica de estatística da Fundação Getúlio Vargas, entre 1951 e 1954. Foi médica credenciada do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), entre 1956 e 1962. Foi médica sanitarista do Departamento de Saúde da Superintendência de Serviços Médicos (SUSEME), até 1968.

Sylvia Hasselmann ocupou vários cargos de chefia. Foi responsável pela seção de estatística nosocomial do Serviço Federal de Bioestatística entre 1944 e 1952, e chefe da seção de doenças transmissíveis da Divisão de Organização Sanitária, entre 1962 e 1969. Chefiou ainda a seção de classificação e codificação do Serviço de Bioestatística da Divisão de Epidemiologia do Departamento de Saúde Pública da SUSEME, em 1969. Foi diretora da Divisão de Dados Institucionais do Departamento de Análises de Dados Institucionais e de Fatos Vitais do Departamento Geral de Epidemiologia e Controle de Doenças da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro. Sua última função foi a de diretora do Departamento de Análises Institucionais e Fatos Vitais, da mesma secretaria, até sua aposentadoria em 1988. Sylvia Hasselmann faleceu em 7 de maio de 1997.

Sumário

Fita 1 a Fita 3

Perfil de Walter Oswaldo Cruz; o encontro de Sylvia Hasselmann com Walter Oswaldo Cruz no Curso de Aplicação do IOC; as dificuldades burocráticas enfrentadas por Walter Oswaldo Cruz no IOC para o desenvolvimento de pesquisas; o círculo de amizades de Walter Oswaldo Cruz; a seriedade no relacionamento com os colegas de trabalho; a amizade com Haity Moussatché e Herman Lent; as dificuldades impostas pela gestão Cardoso Fontes às pesquisas de Walter Oswaldo Cruz; a opção de Sylvia Hasselmann pela família em detrimento da carreira científica; o perfil boêmio de Walter Oswaldo Cruz; o apoio na administração do laboratório do marido; a captação de recursos financeiros externos para a pesquisa no IOC; comentários sobre a utilização política do mito Oswaldo Cruz; as relações entre Walter Oswaldo Cruz e o pai; a personalidade competitiva do marido; a vida familiar; o auxílio financeiro de Guilherme Guinle às pesquisas de Walter Oswaldo Cruz; a crítica de Walter Oswaldo Cruz aos diretores do IOC; os motivos que levaram Walter Oswaldo Cruz a assinar o telegrama de apoio a Luís Carlos Prestes; a ligação de Walter Oswaldo Cruz com o Partido Comunista Brasileiro (PCB); a crença de Walter Oswaldo Cruz na libertação nacional através do desenvolvimento tecnológico; o boicote às pesquisas de Walter Oswaldo Cruz em Manguinhos; a defesa da pesquisa básica e direcional; o relacionamento de Walter Oswaldo Cruz com o desenvolvimento tecnológico; o processo de seleção enfrentado pelos estagiários do laboratório de Walter Oswaldo Cruz; a admiração profissional por Walter Oswaldo Cruz dos pesquisadores cassados; os métodos educacionais de Walter Oswaldo Cruz; o processo de perseguição a Walter Oswaldo Cruz no IOC e o boicote às suas pesquisas após 1964.

Data: 17/03/1987

Fita 1 – lado A[1]

VH – .... aquele turquesa maravilhoso que ocupava a tela inteira. A gente brincava que aquilo era piscina hollywoodiana.

RM – Mas eu não sei onde está este filme não.

VH – Mas existe. Foi em função dele que tinha aquela máquina aqui, que depois o NIH[2] levou. E tudo isso tinha sido comprado em função disso. Ele estava se modernizando.

SH – E foi única coisa que o NIH, depois da morte dele, entrou no laboratório e tirou. Porque tinha essa máquina montada em cima das experiências dele. Ele microfilmava ali, no momento, o que estava fazendo, entende? Isso eles não deixavam ficar lá não. Assim que trancaram laboratório todo, meu pessoal entrou e tirou na mesma hora, porque era caríssimo.

VH – Estava uma fase de começar a modernizar os audio-visuais...

SH – Eles tinham dado a ele. Mas antes que outro passasse a mão, eles foram lá e tiraram.

PG – Impressionante como os interesses dele são extremamente variados.

SH – Ah são, completamente.

PG – Eu estou vendo a censura no correio com relação à questão de material obsceno.

VH – Eu não fiz o meu dever de casa: os tais artigos, que ficamos de te dar, na área de educação e tal. Mas depois faço porque eu sei até onde está. Eu não fiz porque eu esqueci mesmo.

SH – Você tem, é? Porque eu não achei nada aqui.

VH – Sei onde estão porque os arrumei no outro dia.

SH - Eu achei estes recortes, todos da folha do Jornal do Comércio.

RM – Eram as tais páginas que ele editava no Jornal do Comércio?

VH – Não, não. Não é isso não. São uns escritos dele, uns artigos... Um, ele apresentou na CAPS, outro, ele apresentou não me lembro aonde, não sei se foi na Academia ou no CNPq. Foi assim na fase educacional, quando estava preocupado com a educação de uma maneira mais genérica.

SH – Eu tenho alguns documentos aqui, do Instituto, inclusive sobre esse processo. Eu tenho todas as cartas do Olympio proibindo ele de sair e tudo. Eu tenho cópia de tudo...

---

[1] Nota: A entrevista de Sylvia Hasselmann é sobre Walter Oswaldo Cruz e contou com a participação de sua filha Vera.
[2] National Institute of Health

PG – Você tem isso?

SH – Tenho. Para procurar isso preciso de calma... De vez em quando, eu procuro, mas também isso me faz um mal... Mas tenho. Tenho todo o processo não deixando ele comparecer, mandando...

PG - ...a solicitação para ele se retirar, para ele se ausentar do país, a autorização para ausentar-se do país.

SH – O Olympio fazia parte de uma comissão que proibiu, que mandou que enviasse o trabalho...

PG – Maria Saturnino Braga assinou o processo?

SH – Devia ser alguma chefe de Serviço lá, alguma coisa.

VH – Mas cadê o parecer negando? Essa é a coisa importante...

RM – Qual processo administrativo é esse?

SH – Esse foi o de 64.

PG – Ah! Mas olha que coisa. Isso aqui é excelente!

VH – É, excelente mesmo! *(rindo)*

SH – Você tem toda a razão! Eu sei! *(rindo)*

PG – Olha aqui, o processo vai para o Olympio da Fonseca, e diz: "Tendo em vista o que vem sendo apurado pela sub-comissão de investigação do Instituto Oswaldo Cruz e confirmando os trabalhos de investigação sobre atividades do interessado, julgo inconveniente a autorização para se ausentar do território nacional que é por ele solicitada. Cinco de junho de 64. Olympio da Fonseca, Presidente da sub-comissão de investigação"

VH – Quer dizer, isso aí serve até de documentação. Eu nunca vi, nem soube, que existia isso, mas é um bom protótipo do clima. Quer dizer, você vê: "as atividades do interessado" que você não sabe que atividades são, "tendo em vista os resultados da apuração" e você não sabe apuração de quê, nem quais são os resultados. Então é todo um clima que foi se formando.

SH – Esse processo ele guardou. As minhas irmãs ficam apavoradas quando eu digo o que eu tenho aqui, mas eu digo: "Gente, eu esperava um dia... e esse dia tinha que vir." E se eu tivesse destruído?

VH – Ah não, você nunca será pega em flagrante por destruir nada. *(risos)*

SH – É, porque é um acúmulo, ninguém pode entrar, parece um ninho de rato, mas eu junto tudo...

VH – Não destrói também, mas não acha.

SH – Eu acho sim!

VH – Até acha, pior que acha!

SH – Existe uma coisa fundamental que ninguém entende, vocês que são jornalistas... Eu não sou desorganizada, eu sou desarrumada. É completamente diferente. Tem um rapaz que trabalha comigo, que é arrumadíssimo e não acha coisa alguma quando se pede. Ele tem uma desordem mental completa.

PG – Essas são as portarias, não é?

SH – São as portarias de nomeações dele, todas estão por aí.

PG – Acho que dá para fazer uma exposição porque eu estava vendo o seguinte...

SH – Isso aqui não deixe sumir, hein?

PG – Não!

SH – Ele não deixa nada sumir, ele é um documentista. Agora, eu acho o seguinte, depois, futuramente...

SH – Isso aqui é histórico. Eu não faço questão de ficar para mim.

VH – Foi isso que eu ia dizer.

PG – Ele tinha um diploma sim. Dizem que não tinha, mas...

VH – Não, ele deve ter uma declaração de que se formou. Mas não tinha o dito diploma, o tal que a gente tinha que correr no MEC[3].

SH – O diploma que todo mundo tem, com o lacre, um pedaço de bandeira, isso ele não tinha. O Walter era...

PG – Porque eu estou pensando, já que esse problema da história da ENSP, a gente dá um colorido, porque senão fica uma coisa muito seca. O colorido seria pela exposição montada no saguão. A gente também tem que pensar o que seria mais vivo, além dos depoimentos. Se tem alguma coisa com relação a música...

PG - Tem um material riquíssimo.

VH – Gadelha, com as coisas formais você já fica. Não tem um negócio assim, de passar recibo da Casa? Então? Já vai levando um bocado, porque senão não dá não.

PG – A gente levaria, faria uma listagem do material e começaria a trabalhar em cima dele, reproduz...

[3] Ministério da Educação e Cultura.

VH – O que interessar para o acervo fica. Você dá uma xerox a ela e pronto, acabou-se. Se for esperar o tal dia da arrumação...

PG – Tem a trajetória inteira dele.

SH – Aqui tem uma fotografia que eu não conhecia. Eu não conhecia essa fotografia de Manguinhos em que o Walter estava, por volta de 1928...

PG – Nós pegamos algumas fotografias no álbum do Carlos Chagas Filho; e aí tem várias fotografias em que aparece o Walter.

SH – Você não conhecia essa fotografia do seu pai? Ele está aqui...

PG – Está todo mundo aí, não é? O Lutz, o Chagas...

VH – Está todo mundo. Aqui olha, essa fotografia do seu pai em 28, logo quando ele entrou.

VH – Esta fotografia propriamente, realmente não conheci, mas a cara não é estranha não.

SH – Aí está todo mundo. Quando entrou, em 1930, ainda existia todo esse pessoal.

VH – Gozado. Ele aqui está parecido com aquele menino *(inaudível)*.

SH – Por falar nisso, o que o Dieckerman (?) estava fazendo hoje na posse do Arouca? Só para eu entender. Por que será que a família toda estava lá?

VH – O cerco dos interesses são...

PG – Esse aqui nós temos lá.

SH – Talvez porque o menino trabalha lá, o filho do *(inaudível)*, não é?

PG – Você disse que tem as cartas ou os atos que restringem as atividades do Walter dentro do Instituto, portarias do Rocha Lagoa, essas coisas assim?

SH – Não. Isso não está escrito.

PG – Não está escrito?

SH – Inclusive estava o Geiks(?), aquele professor canadense, que foi proibido de entrar no laboratório no dia seguinte. Ele tinha vindo para o ano sabático e estava lá no laboratório. Nunca mais pode estar no laboratório. Mas isso não ficou escrito não. E fora que imediatamente ele nomeou o Duarte.

VH – Mas espera aí, a gente não tem, mas tem que existir. Como é que ele lacrou o laboratório?

SH – Ah, não sei. Porque eu fui lá...

VH – Mas tem que ter um ato.

SH – ... enfrentei o Fonseca...

VH – Mãe, vamos ser práticas. Tem que ter tido um ato oficializando lacrar o laboratório.

PG - Talvez a gente tenha lá.

VH – Vocês têm?

PG – Você pega a década de setenta e tem algumas referências à questão dos cassados, assim em atos muito miúdos, de portarias internas. Eu quero ver se a gente consegue isso para época do Walter. Um pouco antes.

SH – Agora, foi o inesperado também da coisa. Porque ele morreu no dia 3 de janeiro. Acho que eu fui lá no dia 5. Não, foi no dia 4. Não, acho que foi no dia 5. Cheguei lá com o Gildo, e o laboratório estava trancado, não estava ainda lacrado. Veio o Fonseca e disse que não podia deixar entrar. Nós queríamos tirar as coisas dele de uso pessoal, espelho, pente, aquelas bobagens. A gente na hora estava ultrasensibilizando mas...

PG – Produção intelectual... Esse material é riquíssimo, tem toda a trajetória dele, não é?

SH – Agora, eu te prometi o currículo, não é?

PG – Essa aqui não é uma que saiu numa matéria, um esboçozinho biográfico dele numa enciclopédia que recebi através de uma pessoa do Ceará, Enciclopédia Barsa, eu acho. É uma coisa mínima não tem nenhuma novidade, não é? Mas achei interessante porque associa, por exemplo, a trajetória científica dele à questão do xadrez.

SH – Nós tínhamos começado a escrever... Nós tínhamos recebido aquele *"Who is Who"*, sabe? E ele não deixou, brigou comigo: "Você não quer ser importante? Então pronto, você faz". Ele começou a fazer, mas depois dele morto eu me encabulei de fazer qualquer coisa assim e não fiz.

PG – A Vera me falou da outra vez, que ele reclamou do *"Who is Who"* da Fundação, que não constava o nome dela...

VH – Aos seis anos de idade, não constar era uma falha técnica.

SH – De modo que naquele último todo, foi quando ele morreu, nas vésperas... Aqui tem aquela renovação.

VH – Escuta mãe, onde está aquele negócio que foi publicado no Canadá quando ele morreu? Foi alguém que publicou num lugar qualquer.

SH – Eles publicaram na *(inaudível)*.

VH – Então foi isso, tipo um obituário, até bonzinho.

SH – Ele mandou dizer que me mandava depois. Ele fez, me mandou o esquema, ficou de me mandar depois a publicação, mas não mandou.

VH – Não, mas a gente tem sim. Tem umas coisas em inglês que acabam com uma frase dizendo assim: "Antes de ser um brasileiro ou um homem de Ciência, ele era um cidadão do mundo". Tem isso em inglês que alguém escreveu. Tinha a fotografia dele, pequena, assim aqui em cima num negocinho de uma página pequena assim...

SH – Então isso. Eu não estou com o arquivo. Deve estar em outro lugar, separado. Mas Maurício Rocha e Silva conseguiu escrever uma biografia.

PG – Você tem alguma separata?

SH – Ele publicou... deixa eu ver onde é que está.... Essa parte, depois dele morto, deve estar em outro lugar. Isso aí eu estou mexendo porque mantenho isso debaixo de chave. Ela não sabe para quem eu mantenho os arquivos até hoje. Estavam lá, debaixo de chave. Isso está como ele deixou, está entendendo? Eu estou levantando as pastas, está como ele deixou aqui. Tem cartas, ainda aqui, das meninas para ele, tem família... Tem tudo organizado.

PG – *"A construção de um método"*, esse aqui é da própria atividade científica, não é? Isso aqui depois a gente vê com calma.

SH – Seleciona, não é?

PG – Seleciona. Mas até preferia, se você não se importar, levar isso aqui e selecionar lá, depois.

SH – Isso não é só meu, viu? *(risos)*

VH – A nossa concepção de documentação é outra.

SH – Não, é que aí tem não só o que diz respeito a Manguinhos, aí tem os recortes...

PG – Porque eu faço primeiro a listagem de tudo que tem aqui, aí a gente...

SH – O melhor que eu faço é ir passando mesmo adiante.

VH – Graças a Deus. Ótimo! Isso!

SH – Não, não é por isso Vera. Eu estou passando para ficar, porque se tivesse aberto aquilo fora...

VH – Já pensou? Você pode morrer de hoje para amanhã...

SH – Mas é claro, exatamente.

VH - ... e eu jogar tudo no lixo, que coisa horrorosa? Aí vai ser um desperdício, não é? Tantos anos de trancação à toa.

SH – Aí eles não vão encontrar coisa nenhuma.

VH – Nem vão procurar também, de modo que acho muito...

SH – Ah, mas isso é um absurdo...

PG – Sílvia, tem todas as formas, se você quiser, que a gente pode garantir. Você pode fazer o seguinte...

VH – Eu jogo fora os meus documentos importantes. Eu já cansei de ter que tirar segunda via. Eu jogo tudo fora.

SH – Você pode acreditar no que eu vou dizer: eu sofro horrorosamente para mexer nisso. Já tomei remédio ontem; eu estou com dor de estômago desde sábado... O pessoal que está sabendo fala assim: "Olha, quarta-feira a senhora está boa lá no serviço. Quarta-feira a senhora está boa." Mexer? No domingo eu inventei uma dor, tive, mas eu inventei uma dor para não mexer. Eu fiquei sozinha nessa casa... "Domingo eu vou tirar tudo que prometi ao Gadelha", mas fiquei com dor de estômago e não fiz nada. De modo que, se você fizer a listagem... Eu passei a vista, tirei aquilo que imagino que esteja ligado. Pode ser até que tenha mais... Talvez, depois eu vá cicatrizando devagar e acabe encontrando. Na medida que você vai fazendo, eu vou trazendo. Porque realmente, é uma ferida que eu fiz, botei a crosta em cima e deixei por baixo... Não cuidei dela... Mas acho que é uma maneira de viver. Cada um vive como pode... *(risos)*

PG – Claro. A gente sabe que é um esforço danado. Agora, o que eu estou te dizendo é que a gente pode garantir todas as formas. Por exemplo, você pode fazer um termo se não quiser fazer uma doação. Você pode fazer uma cessão de guarda.

SH – Não. Eu faço uma doação. Depois, acho que essas meninas não devem dar o valor que eu dou.

VH – Valor eu até dou. Mas a questão é que na hora não vai dar tempo, então vou jogar tudo fora para depois chorar. Acho muito melhor você doar tudo.

SH – Não, vou doar. Evidentemente que eu espero que nunca mais nós voltemos àqueles tempos negros. De modo que ninguém vai mais destruir isso, não é...

PG – Sim, pois é. Se quiser, como forma de garantia, você pode fazer um termo que se chama de cessão e guarda, entende? Você faz a cessão e a guarda daquele material, mas mantém a propriedade do material, entende? Ou então a doação mesmo.

VH – Eu acho que é o mais lógico.

SH – E acho que é doação. Porque a paixão que ele tinha pelo Instituto, por aquela casa, a vida dele era lá. Você não faz idéia do tamanho da lista de livros que eu tenho nessa casa, não sei como não fui para a cadeia! Porque o que Walter tinha da biblioteca aqui!! Ele dizia que lá não ligavam e que ele precisava...

VH – Ah, nós esquecemos de te contar.

PG – Ele trazia para cá?

VH – Não. Nós esquecemos de te contar o episódio. No dia 1º de abril de 1964, embora não houvesse nenhum comprometimento formal, enfim, se imaginava ainda um cunho de legalidade, se fez uma coisa horrorosa nessa casa: toda a literatura eventualmente comprometedora foi jogada ali na Baía de Guanabara num saco.

PG – E tinha coisa comprometedora?

VH – Não. Eram romances de Dostoiewski, eu nunca li os que ele leu... Enfim, ao mesmo tempo, aquilo que a gente estava conversando aquele dia, existia um clima assim de relativa expectativa, de uma manutenção mínima de legalidade e tal. Já se tinha visto o filme antes, quer dizer, então é a coisa assim que eu chamo de folclórica. Sim, porque tirar literatura russa da prateleira é folclore! Não passa pelo político.

PG – Mas todo mundo passou por isso...

VH – Pois é. Mas isso foi tudo embora.

PG – E foi jogado na Baía de Guanabara?

VH – Foi no tempo que não tinha Aterro ainda. Estava se fazendo o aterro e tal...

SH – Não. O Aterro já tinha feito.

VH – Mas ainda tinha pedras e tal. A gente jogou tudo lá.

SH – Ele assistiu o Aterro inteiro. Só ia dormir quando chegavam os...

RM – Quem teve essa idéia?

VH – Ele mesmo teve a idéia, ele mesmo que fez, nós nem ficamos sabendo.

SH – Ele esperava acordado, quando chegava o pessoal do Aterro, ele ia dormir. Isso nas férias. Desde o mês de janeiro se trancava no escritório e ficava lá. Depois ele não deixava botar no lixo daqui não. Pobre do meu pai! Levava para a casa do meu pai. Mas não havia perigo de meu pai ser tido como tal.

PG – Estava seguro, não é?

SH – Ele dizia: “Bota lá na lixeira da casa do teu pai.” E eu levava. Mas isso era uma coisa louca, realmente.

PG – É, não é? Mas eu queria dar uma certa ordenada agora, porque a gente está tratando de uma pessoa que tem uma personalidade extremamente rica, cheia de facetas. E a nossa idéia é que possamos fazer justiça ao homem, quer dizer, não mitificá-lo, fazer, se possível, um retrato mais próximo dele. Eu acho que a partir daí a gente podia fazer justiça, fazendo a retrospectiva da vida dele enquanto cientista, as facetas de enxadrista, o interesse pela literatura, pela música e também as suas excentricidades, as suas

idiossincrasias. Claro que sem aquilo que é extremamente pessoal e nós não precisamos sair revelando no esboço biográfico. Mas, pelo menos, conseguir caracterizar e dar uma imagem viva da pessoa, e não tentar mitificá-lo demais, o que eu acho que seria injustiça, até pelo rigor científico que ele tinha com relação à sua obra. Então - Sílvia e Vera também fiquem bem a vontade para ir complementando - eu queria ver se vocês podiam retraçar um pouco daquelas coisas que já foram faladas: como era o Walter? Primeiro, como foi esse processo todo de convívio? Como vocês retratariam ele?

SH – Você não quer primeiro como filha?

VH – Eu acho que talvez ficasse mais fácil fazer aquilo que tínhamos até comentado, fazer cronologicamente mesmo. Porque tem fases que eu não posso contribuir nada, óbvio, e tem outras... Eu acho que a coisa vai assim progressivamente se agregando, não é? Então você podia contar quando é que você conheceu ele?

SH – Bom, eu conheci teu pai em 1931.

VH – Então bota lá: década de 30. Vamos falar da década de 30.

SH – Eu o conheci no Pavilhão Carlos Chagas, nas aulas de Medicina Tropical. Eu fazia laboratório com o velho professor Chagas e ele era interno ali. Mas era tudo muito superficial, ele, Carlinhos, todos iam lá viam a parte de... E de lá nos dirigíamos sempre para Manguinhos, depois, na hora do almoço. Então nós almoçávamos e ficávamos lá. Daí surgiu a idéia de que eu fizesse o curso de Aplicação no 2º ano, o que não era permitido. Se fazia o curso mais tarde, para emendar com o Curso de Saúde Pública era no 5º ano. Mas eles estavam todos fazendo, e fizemos juntos. Foi aí que eu o conheci. Durante dois anos freqüentamos o curso diariamente e ele aí ficou, passou a trabalhar no laboratório do velho Chagas. Eu saí para fazer o Curso de Saúde Pública. O Walter não fez. Ele foi um dos únicos - ele e o Emanuel Dias ficaram lá. Lincoln de Freitas Filho, Aristídes Paes de Almeida, esses todos saíram direto para o Curso de Saúde Pública, mas ele ficou lá fazendo pesquisa. Só em 1934 eu voltei para lá.

PG – Mas nessa época ele já tinha algum interesse definido?

SH – Nessa época, ele estava fazendo aquele trabalho sobre anemia ancilostomótica que o Chagas apresentou na Academia de Ciências por ele. Foi o primeiro. Todo dia depois do almoço - eu me lembro perfeitamente – ele fazia aquelas dosagens todas de hemoglobina daqueles doentes todos, separando doentes que tomavam ferro dos que não tomavam ferro, dos que tomavam vermífugo. Já trabalhava ali em 1932. Acho que em 1934 foi publicado, se não me engano, o primeiro trabalho dele. Ele fazia isso. mas historicamente eu não sei...

VH – E como ele era?

SH – Ele era um misto, porque ele era altamente boêmio e o velho professor Chagas era, mais ou menos, quem tomava conta dele. Eu me lembro perfeitamente. Queria te contar que a primeira noite que ele não passou em casa, ficou na rua, o velho Chagas saiu pela madrugada a fora procurando onde estava o Walter. E a dona Miloca muito nervosa, porque o professor foi encontrá-lo... Bom, certamente veio aqui encontrar. De modo que ele era altamente boêmio, e já interessado em xadrez. Ele diz que perdeu muito tempo...

jogava muito xadrez. Havia um Clube de xadrez ali na Cinelândia. Ele vinha de Manguinhos, e ficava ali, no Clube, jogando até altas horas, fazendo o curso de xadrez. Ali era início da vida dele.

PG – Mas o velho Chagas assume um pouco essa coisa da paternidade dele?

SH – Era paternidade no sentido de trabalho, e de interferência na vida dele eu me lembro desse episódio. Mas aí o Chagas morreu e o Walter era tão esquisito! Aquilo foi um choque para todos nós. Foi uma morte tão súbita quanto a dele, porque da noite para manhã houve nessa notícia. E eu me lembro, no enterro ele não chegou nem perto. Ele não entrou, ficou no portão da casa. O Chagas tinha uma influência, uma importância fundamental para ele, era o pai científico dele, estava sendo orientado por ele. De modo que ele teve aquele choque e ficou no portão, não entrou de maneira nenhuma, e ficou de longe, acompanhando. Porque ele não podia deixar... De um modo geral ele não ia, morreu ele não aparecia. Ele se trancava num quarto, e ficava lá cozinhando o seu desespero. Mas ele não costumava freqüentar, como ele dizia, essas reuniões que eram inúteis, era só um desgaste tremendo da pessoa para nada. Então ele me pedia sempre muito que se ele fraquejasse, se algum dia ficasse doente, que eu prometesse que nunca ia dar ouvidos à fraqueza dele, que ia sempre cumprir aquilo que ele queria em sã consciência e perfeitamente sadio. O Chagas teve essa influência sobre ele, e aí ficou mais ou menos órfão. Aconteceu uma coisa: o Chagas não se dava com o Cardoso Fontes, então nós – o Emanuel Dias, ele e eu – que trabalhávamos com o professor Chagas, ali no laboratório dele, diretamente... Eu não tinha muito a ver, estava mocinha, chegando aqui, e fui convidada para trabalhar em cultura de tecido com o professor Muniz. Ele ficou lá em cima, desesperado, porque realmente o Fontes botou os dois de escanteio, ele e o Emanuel. O Emanuel já estava mais enveredado na pesquisa de Doença de Chagas, mas ele ainda estava meio caminhante, entende? De modo que aí ele começou a andar completamente sozinho. Era uma pessoa que não...

RM – Quem teria ficado de escanteio?

SH – Emanuel Dias. Mas Emanuel já estava mais adiantado, trabalhava em colaboração com aquele professor da Argentina, cujo nome não estou lembrada agora, que era pesquisador em Doença de Chagas daquele tempo.

PG – Era o Romaña.

SH - Walter era sozinho, então o Chagas era mesmo o orientador dele, era com quem ele conversava muito. E além disso havia a parte dos filhos, porque tinha o Evandro que naquele tempo trabalhava lá. O Evandro fazia cardiologia lá no hospital.

VH – Quando ele foi com o Dr. Evandro para o Nordeste?

SH – Ele foi para o Nordeste um pouco depois, justamente quando foi fazer dosagem de hemoglobina. O Chagas já estava morto, e ele foi com o Evandro.

PG – Em 1936?

SH – Eu não me lembro as datas...

PG – É. Em 1936, o Evandro vai trabalhar com calazar, e depois, vão montar um Instituto...

SH – Eles foram para aquelas usinas ali de Pernambuco, onde ele fez dosagem de hemoglobina. Nós tínhamos toda essa parte. Foi publicado em coisa muito pequena. Havia dificuldades horrorosas, porque ele queria provar a má alimentação, o porquê da anemia do pessoal todo, e os usineiros boicotavam muito o trabalho. Mas ele conseguiu fazer um inquérito bastante grande de hemoglobinometria em Pernambuco com o Evandro. Porque o Evandro ficou assim com uns ares de querer tomar conta, mas Evandro era muito moço. O Walter, que era muito companheiro de farras também, não tinha aquela tendência... mas ele sentiu. Ele era mais velho, e pretendeu assim... Ficou bem ligado, porque...

PG – Nessa época, as pessoas que tinham mais referência junto ao Walter eram o Evandro, o Emanuel...

SH – Emanuel, Evandro... O Carlinhos foi mais... O Carlinhos já estava voltado mais para a Escola, interessado em ensino, e não freqüentava Manguinhos, não tinha nenhum interesse por pesquisa ainda.

PG – Silvia, só aproveitando que a gente está falando dessa passagem do velho Chagas, alguma vez ele comentou sobre o processo de sucessão do velho Oswaldo, com relação ao Chagas e com relação à disputa com o Figueiredo Vasconcelos?

SH – Não. Ele não comentava muito não porque ele era muito pequeno, e na família aquilo passou. O Bento, que era o mais velho, não tinha muita interferência. E Bento foi quem sucedeu o pai em casa, nessas relações, e nunca comentou muito isso não. Ele falava mesmo, e achava muito normal, da apreciação e da admiração que o pai tinha pelo Chagas. Ele sempre dizia: "O velho Chagas foi um enorme pesquisador, o meu pai foi um grande administrador". De modo que os dois se completavam completamente, inteiramente, entende?

PG – E ele se colocou, como projeto, ser um pesquisador?

SH – Ele era um pesquisador. Um pouco adiante, porque as coisas não andavam embora se perdesse um tempo imenso na administração, ele tinha que associar... Daí aquela batalha que ele sempre teve de querer ser chefe da Patologia, querendo mandar e procurando auxílios por fora e independentes do Diretor do instituto. Porque não foi só quando os diretores eram contra ele, não, era pela própria burocracia que nós temos aí. De modo que era muito difícil. Ele dizia: "É um tempo imenso, mas é necessário".

VH – Quem eram os amigos dele? Ele tinha amigos?

SH – Do Instituto?

VH – Não, de uma maneira geral. Ele era amigo dos companheiros de trabalho? Ele tinha outros amigos? Como funcionava isso?

SH – Não, o Walter tinha uma teoria: fazia questão de não manter relações particulares com os companheiros de trabalho, porque não admitia a menor interferência na atitude

dele. Mesmo com a vinda dos meninos, dos estudantes aqui e tudo, ele mantinha aquela separação. Nas festas e reuniões, eu insistia, mas ele dizia: "Não quero, não quero porque eu não quero ter a menor interferência quando eu tiver que tomar uma atitude como pesquisador". Isso ele não admitia. Então ele não tinha muitas relações. Agora, relações de amizade lá tinha mais com o Haity e o Lent. Mais com o Haity do que qualquer outro.

PG – Isso já nessa época de 1930/40?

VH – Já nessa época?

SH – Já na década de 30. O Haity já estava lá frequentando. O Lent, talvez nessa época de 30, fosse mais chegado do que Haity. Haity veio um pouco depois. Mas eu realmente, depois perdi, porque você sabe que me afastei de Manguinhos. Em 1935, eu saí de Manguinhos porque, naquele tempo, o próprio velho Fontes se voltou contra mim. Então eu saí de Manguinhos e vim para a Saúde Pública.

Fita 1 – Lado B

VH – Eu era acadêmica do Instituto, e passei a viver com o Walter. Fiquei grávida e me afastei até o fim. Na volta ele não admitiu que eu fosse mais contratada.

PG – O Cardoso?

SH – O Cardoso. Mas era a teoria da época, não é?

PG – Sim, mas como foi vivenciado isso por você e pelo Walter? Enfrentar, numa época como aquela, essa situação...

VH – Olha, eu sempre tive por norma, fiz tudo para que nada interferisse na vida do Walter. Esse é o único valor que eu acho que tenho, porque trabalhei toda minha vida - e não me arrependo - para facilitar a vida dele como pesquisador. Tenho enorme admiração, sentia a verdade daquilo tudo, lidava com ele... De modo que eu procurava... Ele continuou a vida dele como se nada houvesse. Não fosse ele filho do fundador, porque ninguém teve coragem de... apesar dele não ter relações boas com Fontes. Mas ele sempre foi passado para trás, nomeavam outros no lugar de chefe de laboratório e tal. Mas a pesquisa dele continuou, e eu não sentia, verdade seja dita, nenhum pendor especial para a pesquisa. Eu fiquei em Manguinhos como aprendizado, depois voltei como auxiliar acadêmica. E provavelmente continuaria lá. Tentei, como eu disse, mas aí o Walter achou que fazerem qualquer coisa por mim e botarem ele para trás, era um desaforo, antes deles saberem de qualquer relacionamento entre nós dois, não é? Aí ele se separou e eu não quis mesmo. Agora, eu vivi calma e tranqüilamente, realmente nunca me deixei abalar, nunca me importei. Cortei relações com praticamente meio mundo que deixou de se dar comigo. Inclusive Evandro, que era muito amigo do meu pai...

VH – Engraçado...

SH - ... e da minha casa. Evandro cortou...

RM – A partir do momento em que vocês começavam ...

SH – ...de que eu saí de casa, que tive um filho. Evandro foi dos primeiros que cortou relação comigo. Carlinhos também cortou. Até hoje eu não freqüento a casa de Carlinhos porque o Carlinhos... Agora está gravando?

VH – Até que ponto nós estamos oficiais aqui?

SH – Ele diz que estão gravando, mas que depois...

PG – Deixa eu só dar uma pausa. *(interrupção de fita)*

SH – Quando a Isar nasceu, nós freqüentávamos muito o Municipal, íamos a concertos. Eu fui sozinha ao concerto. Eu sempre ia realmente. Tinha os amigos e tal. E cheguei lá, a Anah, mulher do Carlinhos, me olhou assim, o Carlinhos também, e eu, nem uma nem duas, continuei a minha vida e fui tocando. Passados uns dias encontrei o Carlinhos na rua, e Carlinhos abriu um sorriso. Eu parei, olhei para ele da cabeça aos pés, dos pés a cabeça, e continuei a andar. De modo que cortei mesmo, porque perante a mulher ele tomava uma atitude, sozinho outra, não é? Com isso eu cortei aquele pessoal do Instituto todo. Depois já vem os meus amigos, o Lent e tal. Eu cortei e me separei de Manguinhos. Eu ia a Manguinhos sábados e domingos, para ver lá o laboratório, o que ele precisava e tal. Eu não aparecia mais em Manguinhos. Era assim.

RM – Mas, houve algum tipo de veto à sua...

SH – Houve o seguinte: era o meu último ano, eu estava me formando e deixaria de ser auxiliar acadêmica para passar ser contratada ou qualquer coisa. Eu dependia do diretor e ele simplesmente disse que não tinha vaga e me afastou. Porque eu fiquei de licença - ela nasceu em dezembro - exatamente eu me formei... Ela nasceu no dia da minha colação de grau. De modo que coincidiu, para eles era fácil, então me cortaram.

PG – Sílvia, você falou de como você enfrentou essa situação. E do ponto de vista do Walter, como ele via essa...

RM – Quando que foi o início da relação de vocês? Foi durante aquele Curso de Aplicação que você fez?

SH – Não, não, não, não. Foi depois que eu voltei para o Instituto. Em 1934 eu saí, quando que eu estava terminando o Curso de Saúde Pública. Eu fiz o Curso de Saúde Pública em 1934 ou 1935 parece, não sei. Acho que terminei em 1936. Quando acabei o Curso de Saúde Pública, voltei a trabalhar em Manguinhos, mas assim porque já aqui fora e freqüentando lá, não sabe? Eu aí é que eu o conheci. Foi exatamente: eu me formei em 1935; fui Auxiliar Acadêmica em 1935; terminei o Curso de Saúde Pública em 1934. Não se podia formar em Saúde Pública, antes do 5º ano, era uma coisa da Escola. Porque Saúde Pública eram dois anos, Manguinhos eram dois... Eram quatro anos para a gente se formar.

PG – É, porque Manguinhos tinha o Curso de Aplicação que era um pré-requisito...

SH – ... de dois anos, e mais dois para o Curso de Saúde Pública que era na Faculdade de Medicina.

PG – E no 5º ano você tinha o curso de Saúde Pública...

SH – E aí eu me formei.

PG - ... que foi com a reforma de ensino de Medicina.

VH – Como ele era politicamente? Era uma época bem movimentada. Como ele se posicionava?

SH – No curso?

VH – Não. Eu estou perguntando como ele era politicamente. Foi uma década complicada, teve 1932, 1935, depois começou a história de pré-guerra. Como ele se posicionava?

SH – Não me lembro de posicionamento nenhum especial. Era muito mais voltado para a pesquisa, para o xadrez, e para a ciência. Não tinha nenhum interesse político nessa época.

VH – Vocês já eram amigos do Mário Magalhães e da Nise da Silveira, nessa época?

SH – Não, eu conheci o Mário na saúde pública, entende? Eu conheci esse pessoal todo na Escola de Saúde Pública e depois trabalhando em saúde pública.

VH – E quando foi a história das olimpíadas do xadrez?

SH – Pois é, agora as olimpíadas do xadrez.

PG – Mas eu queria voltar só um pouquinho. A gente está bombardeando a Sílvia de perguntas e você não me respondeu ainda como o Walter enfrentou essa situação?

VH – Eu acho que vou ter que falar, porque senão desse mato não sai coelho. Eu estava só querendo juntar a política, para ver se a gente fechava a década. Mas de qualquer maneira, acho que começa a se configurar uma coisa que vai perpassar até o fim, com nuanças, e depois com modificações. Acho que já fica mais ou menos claro, o caráter...

SH – Uma certa censura... *(risos)*

VH - ... o caráter absolutamente solitário. Quer dizer, foi uma criança só em todo um relato da infância, da história ...

SH – Da governanta, não é?

(Silêncio. Vera Hasselmann emocionada, chora)

SH – Acho que seria melhor retomar, não é?

VH – Isso são os meus problemas, com as minhas culpas divididas com meus filhos, não tem nada a ver com ele. *(risos)* Foi uma criança só. Então tem a imagem muito importante de Miná, que era a governanta... As noites no minarete da casa, enfim, uma criança só.

Evidentemente amedrontada, porque tem toda a história do escuro, da falta das lâmpadas e tudo. Depois uma ligação muito forte em termos afetivos com o irmão mais velho, que ele perde subitamente com o desaparecimento ultra precoce de Bento. Então, a sensação que eu tenho é de uma sucessão de perdas de paternidades relativas. Então, sem pai; com uma mãe que não parece ser uma personalidade, um pulso muito forte que imponha a presença na ausência de um pai; o irmão mais velho, com quem ele tem uma ligação afetiva muito estreita, embora não tivesse nenhuma relação nem de trabalho nem de formação propriamente mas que também perde cedo e subitamente; é o velho Chagas que substitui e que ele perde. Então, quando ela se refere que a partir daí, ele teve que andar sozinho, no meu entender, é toda uma pressão no sentido de um lobo solitário, que tem que se defender, que tem que criar, e tem que enfrentar por sua própria conta. Isso, evidentemente, vai tendo influências na sua maneira de ser. Eu nunca pensaria na palavra gregário para falar de Walter. Ele nunca foi um ser gregário. Ele tinha um ponto de vista social, eu diria mesmo político, absolutamente gregário, mas a sua prática de vida nunca foi gregária. Eu acho que isso até tem implicações...

PG – Dá um pouco a sensação, o que não é raro, e aí está associado a essa característica da rigidez... entre um referencial da racionalidade e o outro da afetividade. Então essas características da rigidez e da racionalidade são todas do ponto de vista social, do gregário, do coletivo, não é? Ao mesmo tempo, do ponto de vista afetivo, um grande temor ou uma grande dificuldade...

VH – Temor mesmo.

PG - ... de enfrentar a perda, a morte.

VH – Eu fiz essa busca toda para entrar exatamente quando você perguntou como ele vivenciou isso. Eu acho que a minha mãe teve uma importância fundamental na reestruturação, em como se constrói um novo patamar de uma certa segurança para que a coisa pudesse caminhar, e se desenvolver depois. Quer dizer, o gregário se resumiu ao pequeno gregário; se resumiu a uma relação familiar muito pequena, porque ele não mantinha relações familiares amplas, nem com a família dele mesmo, nem mesmo depois de casado, com a família da minha mãe, nunca houve isso. Então se resumiu ao pequeno núcleo da família mesmo, onde o esteio sempre foi a minha mãe, nessa posição que ela deixou claro, e que, na verdade, não é que ela tenha sempre só se preocupado em criar as condições para que ele pudesse se desenvolver e caminhar. A verdade é que ela abriu mão de tudo que poderia ser dela, e eventualmente até mesmo nosso em termo de filhos, embora muito menos, em função de se criar... Quer dizer, se viveu no pequeno núcleo da família sempre em função daquilo que era melhor para Walter Oswaldo Cruz.

PG – Sílvia, até mesmo a coisa ciência, você deixou um pouco subentendido que o Walter achava que o Cardoso abrir a possibilidade de se fazer cultura de tecidos, e ele estar sendo dificultado, seria uma... Você acha que até desse ponto de vista da ciência, o Walter, de certa forma...

SH – Não. Aí, exatamente aí eu comecei a perceber, a botar numa balança e decidir. Porque é uma opção que eu fiz e tinha que ser realmente o que eu sentia. Evidente que associado a isso há um interesse pela pessoa, interesse afetivo, admiração irrestrita, porque eu era cega, eu realmente era cega. Não me interessavam as dificuldades que eu tivesse... Tanto que quando ele morreu, tinha amigos que me disseram: “E agora? Você

se apagou e agora sua vida?" Digo: "Eu começo." Comecei no Estado. Passei na administração e me aposentei no Ministério, que eu já não podia ver mais nada daquilo. Fiz concurso para o Estado, onde estou há dezessete anos. Por isso eu não consigo parar de trabalhar, porque você vê que a minha vida foi voltada para o trabalho de um homem. Eu me realizava fazendo ele trabalhar, não é?

VH – Então, em outras palavras, eu acho que essa renúncia foi real, porque isso que ele estava relatando agora... Ela estava prestes a se aposentar quando ele morreu, e ela jamais tinha tido qualquer tipo de ascensão ou de grande sucesso na carreira, porque havia um cercamento real e físico. Um exemplo prático: ela trabalhava no Ministério da Saúde e era literalmente proibida de se ausentar em qualquer tipo de viagem a trabalho. Evidentemente num órgão federal, isso é um fator...

SH – e sanitarista...

VH – ... e sanitarista, é um fator que, praticamente, poda qualquer tipo de avanço maior. Enfim, foi uma opção absolutamente total e nítida. Então, aquela velha máxima que diz que atrás de todo grande homem tem uma grande mulher, aqui nós podemos na verdade, separar e dizer o seguinte: para que a racionalidade pudesse seguir a seu caminho, vindo de um passado afetivo complicado, sem esteio, sem lastro, foi necessário que alguém criasse esse lastro do afetivo e da segurança. Porque todos os problemas, mesmo da racionalidade, eram sempre trazidos, discutidos, e vivenciados dentro da família. Então, na verdade, o referencial que havia em relação ao distanciamento, a não ser gregário na racionalidade, tinha o seu vazador, o seu cano de escape, a sua base toda, dentro de casa. E passava por tudo. Quer dizer, a família foi construída em função das prioridades de se manter as condições ideais: fosse o silêncio da casa, fosse do tipo de alimentação, fosse dos horários, fosse dos planejamentos de férias. Tudo, exatamente tudo, era feito com uma prioridade única bem definida, que era atender esse lado.

PG – Você disse, Sílvia, que desde esse início você percebeu e vivenciou momentos de dificuldade envolvendo o trabalho científico dele dentro de Manguinhos, não é?

SH – Sim, porque desespero dele...

PG – Sim, não existem períodos...

SH – Não, foi logo, porque o desespero dele com a morte do Chagas, onde ele foi logo cortado. E aí eu já senti. E eu já tinha admiração por ele, senti que era uma injustiça que eventuais desavenças entre o Fontes e o Chagas viessem a perturbar a vida dele. Evidente que nunca o poriam para fora, era filho do fundador, aquilo tudo. Mas estava ali marginalizado, dificultado. Não é bem marginalizado, porque ele nunca se deixou marginalizar, ele tocou sempre para frente. Mas ele sentiu as dificuldades.

PG – Ele aí se impondo unicamente pela capacidade científica? Quer dizer, a publicação de trabalhos e o nível, depois, até de reconhecimento internacional? Ele conseguia também construir algum tipo de base de apoio entre os seus colegas de Manguinhos?

SH – Não.

PG – Ele não era um articulador nesse sentido, não é?

SH – Não, não era. É como eu digo: sempre isoladamente. Era um crítico feroz porque ele achava que tinha que ser aquele tempo integral, integralíssimo, dormir, acordar pensando, como ele era. Então ele não perdoava os colegas de Manguinhos que, por acaso, não fizessem assim. Então aquilo já era... Dos próprios alunos dele, requeria uma coisa total. De modo que sempre procurou apoio fora. Você vê, o primeiro apoio que nós tivemos foi do Guilherme Guinle. Ele recebia dez cruzeiros por mês que eu ia lá buscar, mas que eram importantíssimos para comprar uma coisa ou outra. E depois ele foi pedindo, fomos quase de porta em porta, de chapéu na mão, naquelas sociedades todas lá nos Estados Unidos, até que ele conseguiu realmente. Ele gostava da pesquisa, ele dizia que ninguém sabia o divertimento maravilhoso que estava perdendo. Ele achava que pesquisar era a coisa mais maravilhosa do mundo, buscar o desconhecido. Então ele era tempo integral, e era trabalho e mais trabalho, ele era um homem de trabalho. Tinha que se trabalhar o dia inteiro.

PG – Agora, como era vivido e conciliado o lado boêmio com esse lado todo dele?

SH – Ah, o lado boêmio dele era pelas madrugadas adentro, enquanto moço. Ele chegava de Manguinhos e a saída de casa era o bridge e o póquer com esses amigos, Miguel Pereira e tal. E depois tinha a *(inaudível)* aí Walter chegava em casa de madrugada, de manhã, dormia duas horas, emendava Manguinhos, e voltava... A outra noite ele dormia a noite inteira, e coisa assim, entende? Ele era um homem da noite. Ele não gostava de acordar cedo, não me lembro do Walter ter acordado antes de nove, dez horas da manhã. Porque ele vivia pela noite adentro. Ele dizia: "Quando todos dormem, em silêncio absoluto." Toda a vida dele... Da boêmia eu sei, porque eu também peregrinava pelas noites para ir buscá-lo. Eu andava pela noite adentro, na guerra, que a gente podia andar sozinha, naqueles blecautes e tudo. Eu ia buscá-lo nos cafés, senão ele por ali ficava, ou então descambava. Isso depois a gente conta. Ele dizia assim: "Ah, você é ciumenta.". Eu digo: "Não, eu sou ciumenta, claro, sou ciumenta". Porque a minha teoria era outra, eu digo a elas: "Eu nunca tive ciúme de filho dele com filho disso... Eu nunca tive ciúmes assim". Eu acho que eu batalhei... A outra mulher dele não, coitada, vivia longe dele, era prima-irmã. Num casal, se você deixar, você perde. Porque se ele é boêmio, um dia ele se interessa mais por alguém. Então você tem que batalhar, porque ali você perde, há troca. Você não troca um filho, você não troca coisa nenhuma, nem pai nem mãe. Mas um marido! Eu cuidava do que era meu.

PG – Manifestar o desejo, não é?

SH – Então eu tomava conta. Quando eu via que havia maior perigo, eu influenciava, me metia, agia fisicamente. Também nunca tive bandeira não. Depois eu era até temida, porque os escândalos estouravam, não é. Por exemplo, houve um caso... Para mim foi bravo, Manguinhos é sagrado. Eu tinha uma rede de informações tremenda! *(risos)* Tremenda! Dizia assim "O Dr. Walter hoje foi embora às 6 horas da tarde e eu tinha curso de Estatística Superior com ele e não apareceu". No dia seguinte eu fui esperar, quando chegou, eu disse: "Escuta aqui, minha filha, eu acho que está tudo muito bem. Ele faz muito bem em sair com você, porque é para isso que as moças estão aí dando sopa. Agora, ele não vai sair não, sabe por quê? Porque é fundamental que ele vá trabalhar, ele tem coisa muito mais séria para fazer." Ele aí tinha medo. Ele ficava no Instituto porque sabia que eu estava lá fora esperando, está me entendendo?

PG – Então você também usava o compromisso a ciência para...

SH – Claro, usava, usava. Ah, eu usava! Eu digo: "O meu sacrifício afinal de contas era por isso, como é que vai?" Eu queria ficar, manter a minha posição. "Ah, não, isso absolutamente". Pela noite adentro ficava difícil da pessoa ir atrás, mas durante o dia... "Tirar do trabalho? Ah, não, não." De modo que eu usava. E o pessoal sabia, porque eu sempre tive muitos amigos lá dentro em Manguinhos. Eu sabia tudo que se passava lá dentro.

PG – Mesmo não convivendo e ausente, sempre mantinha vínculos...

SH – Não convivendo, eu era feroz realmente, porque eu tomava... Eu tinha os meus motoristas, quilometragens de carro, tinha meus cadernos e tudo... *(risos)*

VH – Isso vai ter um desdobramento depois, quando chegar na época das contabilidades e dos dinheiros todos. Eu vou até contar para já ficar registrado porque a gente pode esquecer. Na época, quando ele recebia todos aqueles dinheiros, daquelas fundações americanas e do NIH, estava previsto que ele contratasse um contador. Na primeira vez que se foi prestar contas, os americanos fizeram muitos elogios à prestação de contas que era primorosa, que era muito detalhada e corretíssima e tal. Mas que eles ainda não tinham conseguido verificar onde estava a fatura do pagamento do contador, que devia ser muito caro. Ele disse que não, que o contador era minha mãe. Disseram: "Sim - eles não achavam isso nada demais - mas onde está o pagamento" , "Não, se fosse para ser pago não era de confiança". Quer dizer, só é assim, só é bom porque é ela e porque é de graça.

SH – Eu ainda tenho aquilo até hoje. Mas eram até aquelas traduções de parafuso e tudo... Porque as condições que o NIH te impunha é que eles suspenderam as doações às pessoas. Explicavam que uma vez pediram prestação de contas a um prêmio Nobel que ele abriu umas gavetas, e que caíam papéis de todo lado. Eles não sabiam o que fazer. Então, eles ficaram através das...

PG – Instituições...

SH – ...instituições. O Walter disse que assim não queria, então eu me responsabilizei. Eu digo, pode deixar que eu faço. Eu me responsabilizei. Daí as minhas relações com o pessoal todo, porque eu pagava eles todos, fazia as compras, aquilo tudo. Sem ir lá. Eles me mandavam aqueles sacos de papéis, eu fazia aquela coisa toda, e mandava para eles. Ainda tenho guardado até hoje, dez anos já se passaram, são vinte, mas eu sempre guardei. Eu mantinha até para eles verem aquela coisa toda, aqueles *grants* todos, era uma trabalheira infernal.

PG – Mesmo porque, a gente volta a isso depois, houve uma coisa para questionar: a malversação de fundos.

VH – Não, na hora foi um perigo. Porque era em dinheiro, naquele tempo era dinheiro! E o seu Olympio, essa gente toda, dizia que ele dava para o Partido Comunista. Eu consegui fazer aquilo tudo: fazia espelhos das contas, onde nós tínhamos depositado o dinheiro dos *grants*, que era o Banco do Brasil, aquilo tudo. E para isso eu tinha, não é?

VH – Bom, voltando, acho que já está meio acabada a década de 1930. Fica de novo essa dualidade entre o racional e o sensitivo, quer dizer, a parte boêmia, de um lado, se misturando e imbricando aí com o racional o tempo todo, não é?

PG – Mas tem a coisa do boêmio ser um pouco solitário, não é?

RM – Como ele era? Ele era caladão, aqui, com vocês?

VH – Absolutamente, era uma pessoa encantadora. Por isso eu acho que o boêmio não era solitário não. Quer dizer, todas as restrições que ele fazia a intimidades ou vida particular com os companheiros de trabalho e tal... o ser institucional era completamente oposto do ser social. Era uma pessoa que conversava o tempo todo, extremamente... como se fala isso? Não é propriamente engraçada nem sarcástica...

SH – Irônica.

VH – Espirituosa.

SH – É, de um senso de humor tremendo.

VH – E um homem extremamente culto. Ele lia dia e noite, nos intervalos e tal. Chegou um tempo que ele teve mania, numa época das férias, no verão, de tomar banho de banheira. Então um dos problemas era criar uma coisa de plástico para ler dentro da banheira. Porque ele lia dentro da banheira, mas eventualmente respingava água, um de nós entrava, alguma coisa atrapalhava. Ele tinha uma biblioteca no banheiro. Tinha algum movelzinho em frente ao vaso sanitário cheio de livros, revistas e tal. Nós sempre questionávamos muito, quando crianças, se ele tinha alguma dificuldade fisiológica: "Porque aqueles livros todos num banheiro?" Mas não, era apenas por vontade dele. Não é que tivesse necessidade de ficar tanto tempo no banheiro, é que em qualquer lugar que estivesse ele queria ter à mão coisas para ler. Durante muitos anos, houve aqui esse projeto de quem inventava uma caixa de plástico que tivesse uma rodinha e que pudesse virar a página. Só a caixa de plástico não resolvia, porque não adiantava ter caixa de plástico se não tivesse como virar a página. E nós tivemos aqui toda sorte de mesinhas de leitura: que encaixavam em cama, que encaixavam em cadeira, que encaixavam em sofá. Era uma coleção. Nós tínhamos das maiores às menores, com pé, sem pé, adaptável, não adaptável. Enfim, era um verdadeiro patrimônio da casa, era um instrumento de leitura. Sendo que esse projeto do plástico com a rodinha que virava a folha nunca foi concretizado, nunca se conseguiu. Graças a Deus, ele enjoou da banheira. *(risos)*

SH – Em Londres, houve uma vez, quando nós compramos uma casa, que ele fazia tantas exigências, o homem disse: "Mas é paralítico mesmo?" Nós tivemos um acesso de riso. *(risos)*

VH – Isso era motivo de gozação na família inteira, que achava que ele tinha uma deficiência física. Porque era tanta necessidade de coisas cômodas para leitura que isso ficou assim como piada da família.

PG – Mas Sílvia, você nos dá também uma idéia de tempo, se estiver cansada, afinal de contas...

SH – Não, não. Vocês querem fazer uma parada para tomar um cafezinho?

VH – Um cafezinho era bom. *(interrupção de fita)*

PG –Sílvia, duas coisinhas que eu queria ver antes de passar adiante: ele teve um contato muito pequeno com o pai, não é?

SH – Muito pequeno, se referia ao pai mais sobre o aspecto do xadrez, ele contava que o pai dava mais confiança, ensinou os primeiros movimentos... Ele tinha grande... Porque o pai jogava com Oswaldinho, ensinou Oswaldinho. Referia-se ao xadrez e às viagens porque ele ficou ainda na Madeira-Marmoré, aquela coisa toda. Mas teve pouco contato, ele não se lembrava muito. Ele era mantido afastado, e o pai depois ficou doente lá em Petrópolis, e aquela coisa toda. E era mantido fora. Ele sempre diz que estava brincando no quintal, chamaram ele para dizer que o pai tinha morrido. Quer dizer, aos sete anos ele não tinha como...

RM – Ele tinha sete anos?

PG – É. E no futuro, com relação à herança e ao peso do nome do pai, como ele se relacionava com isso?

SH – Olha, ele nunca utilizou. Ele nunca usou o nome do pai. Nunca achou que fosse um peso, e simplesmente fez o nome dele. Ele simplesmente funcionou. Por exemplo, internacionalmente ninguém sabia ou pouca gente sabia o que era Oswaldo Cruz. Ele não dava muita confiança a coisa nenhuma daqui na parte científica, ele não levava em consideração. O meio que ele freqüentava fora era de pesquisa pura e tal, não era o meio de higiene e de medicina preventiva. Jamais entenderiam lá nome Oswaldo Cruz, que a família usasse o nome de um homem como sobrenome, então era o Cruz. Ele nunca usou. Eu me lembro que naquelas atas de conselho de pesquisa, sempre chamava a atenção que ele jamais se utilizou o nome da família para obter isso ou aquilo.

PG – Nem no xadrez?

SH – No xadrez muito menos, porque ele ficou mais conhecido ainda do que o pai. Ele foi mais importante do que o pai, porque o pai era amador. Eles iam jogando xadrez naquelas viagens, na barca que ia para Manguinhos, eram todos amadores, para passar o tempo, não é.

PG – Você se referiu que ele fala sobre o pai como um grande administrador. Ele chegou a desenvolver essa apreciação da obra do pai?

SH – Como? Você diz escrevendo?

PG – Não. Mesmo comentando sobre o período do pai, o quê representou a ação dele. Ele chegou a fazer algum tipo de apreciação?

SH – A apreciação que ele fazia era sempre essa. Ele achava que o pai, sobretudo, tinha sido um grande administrador.

VH – À exceção de uma observação que ele sempre fazia. Tinha muita literatura, até mesmo literatura popular, de jornaleiro, a respeito de grandes vultos da história. E Oswaldo Cruz sempre aparecia como o saneador, o homem das vacinas, das campanhas. E ele sempre disse: "Para mim, a importância dele não é essa. Para mim, a importância dele é porque ele lançou a semente do que foi o crescimento da pesquisa no país"

SH – Exatamente.

VH – Então, tenho impressão que ele reconhecia que em termos quantitativos, de volume, e de aparecer trabalho, era toda essa parte de campanha, administrativa, ou mesmo o desenvolvimento político com o prefeito, sempre no sentido do saneamento, mas ele dizia que na leitura dele, para ele, a obra fundamental tinha sido fazer Manguinhos nos moldes que fez e que isso teria sido a semente da pesquisa.

SH – Seu pai como pesquisador... engraçado. Agora, quando você disse: "A gente pode fazer a guarda e usar daqui a 30 anos..." Há uma coisa que eu nem sei se ela sabe. Existia um documento aqui, era uma cópia. Não sei de quem era esse original, de algum fracasso científico do pai, uma coisa qualquer que ele mantinha fechada a sete chaves. Um dia, por acaso, ele viajando, eu fui lá e abri aquele envelope. "Não me abra aquilo, não me abra..."

Fita 2- Lado A

SH – ... foi pegar esse envelope que tem lá. Fechado como estava.

VH – E você realmente não leu? Você não sabe o que é?

SH – Não, não li. Sei que era fotocópia ou qualquer coisa de uma carta que o velho Oswaldo tinha escrito a um desses grandes de São Paulo, que eu não sei quem foi. Não sei se foi Gaspar Viana, não sei se seria Gaspar Viana... Seria quem? Aquela correspondência que Bier tem, é do Oswaldo com quem?

PG – Tem uma com o Arthur Neiva, não é?

SH – Não, não era Neiva, era um outro assim... Esta carta, ele disse, só quem tem isso é Fulano... minha cabeça... Eu esqueci, e ele me deu essa cópia.

PG – E na carta, dizia mais ou menos...

SH – Na carta dizia que ele tinha cometido um erro.

RM – O velho Oswaldo?

SH – O velho Oswaldo.

PG – Poderia macular a imagem do Oswaldo como cientista?

SH – É, macular. Mas o que me chamava atenção, era a perturbação dele... de como estava o velho, entende? De modo que eu digo: o que tinha nisso aqui? Eu mexia com ele: "O velho Oswaldo andou aí fazendo malandragem". Ele dizia: "Não, não, como pesquisador, como pesquisador". Claro que um homem que tem essa fama e tudo, não

poderia deixar... Mas hoje eu me arrependo, porque daqui a muitos anos poderia se ter isso, e inclusive é parte da história do Oswaldo Cruz. Pode ser que um dia esta carta apareça...

PG – É. Porque quando a gente estava se referindo à questão do uso do nome, e a coisa da herança, existe um esforço grande por parte da família, que passa a usar o nome de Oswaldo Cruz.

SH – Ah, e ele dizia que a família toda explorou o velho Oswaldo toda vida. Ele não se conformava, embora ele dissesse que dava aos filhos, fazia isso tudo, porque nós vivemos no Brasil. E que no Brasil realmente com todas as dificuldades "era um abrir de portas". E ele utilizava, mas a família, sobretudo a parte das mulheres, explorava. Ele não se conformava, porque quem fosse Oswaldo Cruz, quem tivesse sangue de Oswaldo Cruz, que usasse o nome dele, mas... como é que nós chamávamos? Os agregados. Os agregados usarem o nome de Oswaldo Cruz? Um absurdo! Quando me dizem: "Ah, você fala assim"; digo sempre: "Não, tenho um profundo orgulho de ter sido casada com um filho de Oswaldo Cruz, de ter filhas que são netas de Oswaldo Cruz, mas realmente eu não tenho nada a ver com ele". Tanto que quando chego lá no serviço, às vezes dizem: "Ah, essa aqui foi nora de Oswaldo Cruz", "Eu não fui nora de coisa nenhuma. Se vocês querem alguma coisa, sou viúva do Walter, é o que eu sou, sou viúva do Walter". Porque o velho Oswaldo, com todo o meu respeito, com toda minha admiração, é um outro terreno de que eu não faço parte.

VH – Uma vez houve um episódio engraçado, porque que eu me lembre, ele falava nada a respeito do pai, nem da família, nem da infância. O que se sabe foi sempre arrancado ou por terceiros. Esse nunca foi um assunto em pauta, nunca. Às vezes até provocado não...

RM – Ele não respondia?

VH – Não.

RM – E essa sua análise, você fez a partir de quê?

VH – Da vivência e dos fatos que a gente vai sabendo, até através de terceiros. Então fica uma coisa óbvia, porque às vezes se a gente parar para pensar... Por exemplo, nós éramos muito questionados na época de colégio, quando crianças: "Ah, conta aí a vida do seu avô". E a gente não sabia nada. Nunca soube nada, a não ser pelos livros ou pelas revistas do jornaleiro. A gente nunca soube nada. Walter tinha uma coisa muito engraçada, porque ele não gostava das... como é que chama isso? Isso tem até um nome, das coisas óbvias, as coisas de fachada, tipo nome, tipo certidões - é o desprezo de ir buscar o diploma na Universidade - quer dizer, nada disso tem importância. Com as coisas protocolares, digamos assim, ele tinha até uma relação muito enfática de desdouro. Às vezes até meio atrapalhativa, porque tem um mínimo que a vida numa sociedade requer. E ele sempre crítico, e sempre sarcástico. Todo tipo de instituição muito formal era, a priori, criticável. Quer dizer, tinha toda uma censura real em relação às coisas mais protocolares. Eu me lembro que uma vez - acho que estava fazendo uma pesquisa para o colégio - comecei a puxar assunto, muito no discurso da história do mito de Oswaldo Cruz, da figura histórica e não sei o quê. E ele se irritou, acho que com a minha insistência, porque ele não gostava de falar no assunto. Ele disse assim: "Você tem que se lembrar que é uma família pequena,

medíocre, de um interior pequeno, de uma cidade pequena. Um médico do interior como qualquer outro." Porque eu estava querendo saber o para trás do Oswaldo Cruz, enfim, a família e não sei o quê. Ele tinha muita preocupação com toda desmistificação e dizia: "Você não está falando de nenhum ser extraterreno. Você está falando de um médico normal, filho de um médico de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Você não está falando de uma entidade do Olimpo".

PG – Sobre o papel do avô na Diretoria de Higiene, também nada?

VH – Nada, nada. Eu tenho a impressão que realmente não sabia, e ele também não se interessou muito em saber, não.

SH – Não, ele não sabia. Foi saber desses dados mesmo mais através livro, porque a família também não cultivava, pelo menos não passava adiante. A mãe não tinha esse poder.

VH – Bom, eu acho que é de novo a história da dicotomia: para saber, implicava que ele se relacionasse mais com a família, com os mais velhos, que eram realmente os que tinham tido a vivência. E isso é uma coisa que não combinava com os outros valores dele. Então eu tenho a impressão que ele não gostava que se perguntasse. Porque eu não sei isso com certeza, mas para mim ele sabia muito pouco, porque não era muito dele deixar de dizer as coisas que ele sabia. Então, a sensação que eu tenho é que ele sempre manteve uma certa cortina de fumaça, até para esconder a própria ignorância dos fatos mais detalhados.

PG – A gente falou muito da relação de amigos, quer dizer, e da referência disso na questão do trabalho científico. Mas a gente não falou quem eram os amigos dele dessa parte mais solta, social...

SH – Bom, nesse ponto nós tínhamos até aqui em casa. Eu tentava puxar esses amigos cá para casa, porque pelo menos eu estava ali vendo, podia controlar até certo ponto. Ele conversava até altas horas. Eu cochilava, houve um dia que ele teve que me acordar porque eu estava cochilando lá dentro. Ele trazia os amigos para cá e conversava imensamente. Nós tínhamos uma coisa que nós chamávamos - acho que já falei com você - "juntar o circo", quando vinha gente de fora para falar inglês. Ele dizia: "Não pode negar. Hoje é dia de circo". Então quem soubesse falar Inglês, tinha que vir, tinha que acudir ao chamado de última hora. Mas ficava aqui. E aí, ao lado dele, também as mulheres eram encantadas. Eu tinha uma série de amigas que me diziam: "Ah, que inferno! O Walter só podia ser casado com ela" Elas ficavam aqui até de manhã, até eu dar o café da manhã. E até hoje são pessoas que se recordam extremamente... A Embaixatriz *(inaudível)* sempre caçoa, porque eu tomava tanta conta que não dava tempo. De modo que eu botei em casa. Nós tínhamos aqui os amigos de xadrez. Nunca era pessoal de Manguinhos. Engraçado. Quando vinha gente de Manguinhos - Haity, Karen e tal - era à parte, era uma outra coisa.

VH – Era extremamente formal. Toda vez que os amigos de Manguinhos, os poucos que freqüentavam, vinham, não tinha graça nenhuma. Nós achávamos chatérrimo, porque era uma coisa muito formal.

RM – Quem era?

VH – De freqüentar aqui, que eu me lembre assim com tranquilidade, o Haity e a Karen. Até por uma circunstância: eles moraram, durante um determinado período, nesse prédio aqui. Então havia uma proximidade física que facilitava.

SH – É, mas tinha o Leite Lopes...

VH – Não, nós estamos falando de Manguinhos. Eu não me lembro de mais ninguém de Manguinhos.

SH - O Herman Lent...

VH - Tanto que eu sempre tive uma grande dificuldade em localizar as pessoas que a gente nunca chegou a ver; eram nomes que a gente falava com uma freqüência enorme, mas a gente não conhecia porque eram pessoas íntimas enquanto o trabalho entrava dentro de casa, mas não fisicamente. Quer dizer, a gente não conhecia. Agora, ele perguntou quem eram os amigos, então aí já estamos fora das décadas.

SH – Quem freqüentava na parte de pesquisa era o Otto Bier, que vinha muito de São Paulo, jantava e ficava conosco. César Lattes, Leite Lopes, Camerine, que trabalhava muito, vinha muito aqui...

VH – Laboriou.

SH – Laboriou também por muito tempo freqüentou aqui...

VH – Maurício Rocha e Silva.

PG – Agora, só para ficar claro, esses são amigos da área de ciência ou dessa área social?

VH – Não. Era da área de ciência, mas não de relacionamento de trabalho. Não eram pessoas que trabalhavam com, eram cientistas que eram amigos.

PG – Então o marco era esse, não é?

VH – Era esse. Trabalha com, não dava.

SH – Aliás eu acho que ele estendia a Manguinhos o que ele fazia com os outros, com o pessoal que trabalhava diretamente com ele, não misturava. Haity era exceção mesmo, porque...

VH – E veio a ser cada vez mais amigo, à medida que o tempo passou, e até à medida que ficou bem claro que não haveria mais concomitância de caminhos. Então, na verdade, os dois trabalhavam em áreas afins, respeitavam-se muito cientificamente, mas não cruzavam os caminhos. Quer dizer, cada um já tinha a sua independência, cada um caminhou sozinho. Então a partir daí, eles se tornaram mais amigos.

PG – Ele era muito competitivo no trabalho?

VH – No trabalho não sei porque eu nunca observei. Ele não só era competitivo, como ele estimulava extremamente a competitividade entre as pessoas.

RM – Entre os filhos?

VH – Entre todos. Entre os amigos, entre os filhos, entre todos. Aí ficava realmente um circo, porque inclusive ele era muito polarizador das atenções. Isso que ela está dizendo: a estrela do circo evidentemente era sempre ele. *(risos)* Então ele tinha assim um certo prazer enquanto mestre...

RM – Era ele quem falava: "Vamos montar um circo"?

VH – É. E nessa coisa de dono do circo, eu acho que ele tinha todo um prazer. Ele espicaçava as pessoas para que...

PG – Provocando, não é?

VH - ... provocava as pessoas o tempo todo para que o circo ficasse cada vez mais animado.

RM – O que é isso que você fala que todo mundo que falasse inglês tinha que vir?

SH – Nós recebíamos, sobretudo, esses amigos dele, pesquisadores ou que iam para Argentina e passavam aqui correndo ou que vinham por dois dias e que não avisavam. Eles vinham sempre cá para casa. Então, ele telefonava para todo mundo: "Por favor, o circo hoje à noite está reunido". E essas reuniões iam... Inclusive, ele tinha fama lá fora. Quando nós viajávamos era uma recepção! Porque ele tinha esse lado.

VH – Ah, tem um lado importantíssimo que falou do circo, falou do dinheiro.

RM – E aí ele fazia uma conversa, um bate papo a noite inteira, jantar...

SH – Total. Não tinha nada de ciência nesses papos.

RM – Ele tocava órgão?

VH – Mas não em público. Jamais. Imagina!

RM – No circo nunca?

VH – Nunca. Eu acho que isso é genético. Porque pelas poucas coisas que eu soube do pai, não se podia fazer nada que não fosse nota dez em público. Então a apresentação social tinha que ser sempre de primeiríssima ordem. Eu me lembro muito bem que num desses dias do circo... e foi um dia complicado porque foi um dia que Carlinhos Chagas, eu não sei porque cargas d'água, veio jantar aqui também. Então devia ser um circo aprimorado. E aqui tinha umas peles de boi no chão, que eu lembro que a gente tinha trazido da Argentina, e que eram velhas, e que as pontinhas foram enrolando. Eu resolvi ajudar a servir a mesa, ou passar alguma comida na hora dos drinques. E me lembro como se fosse hoje que eu vinha com o prato e tropecei na orelha enroladinha do boi. Eu me espatifei no chão com prato e tudo. O olhar que ele me deu foi assim de trucidar em vida,

entende? Quer dizer, eu não tinha nada que estar de prato na mão; eu não tinha nada de ter ido a cozinha. Agora, muito menos ainda eu tinha que ter me esparramado no chão no meio do circo.

RM – E você era menina?

VH – Eu era bem pequena. Eu me lembro me estrambelecando no chão. Eu devia ser bem pequena. Enfim, era uma coisa assim: o circo era para mostrar o lado bom das coisas, da vida, das pessoas, enfim, não era para se falar...

PG – Mas você falou com relação a questão de dinheiro...

VH – Pois é. Quando ela falou da história que lá fora ele tinha fama de que recebia em lautos jantares etc. etc. e tal, tinha por trás disso uma coisa que me intrigava pouco na época, mas que até hoje me intriga muito: era a história do dinheiro. Isso porque a gente passou a sentir na pele. No Brasil tem muito essa história de que se você tem um nome, automaticamente você tem dinheiro atrás do nome. Evidentemente porque no Brasil os valores são meio esquisitos. O nome geralmente é construído ou através do dinheiro ou se aproveitando dele para obter dinheiro. Não existe muito essa dissociação nome/dinheiro. E era uma realidade palpável que tanto ele quanto minha mãe eram funcionários públicos que viviam de salário. Não existia nenhum patrimônio, literalmente nenhum, nem de um lado, nem do outro. Minha mãe vem de uma família extremamente pobre, e uma das dificuldades que ele teve em relação à família foi que a tal herança de Oswaldo Cruz que já não era grande - nunca foi - foi muito desbaratada pela família. E o quinhão que lhe coube no fim da história foi uma coisa mínima. Até porque na época ele era menor e tal. Então, na verdade, o único patrimônio financeiro - a gente soube isso - eram 300 cruzeiros que tinham cabido para dar de entrada nesse apartamento onde a gente vivia. Foi o único patrimônio que ele teve. Com quatro filhos, mulher, empregada, etc e tal, houve épocas em que a vida ficou extremamente apertada financeiramente. Então tiveram as complementações necessárias. Quando veio para cá já melhorou um pouco, mas na época que ele morava no Leme, por exemplo, ele não fazia por prazer coisa nenhuma. Tinha que escrever as colunas de xadrez para o jornal porque aquilo era parte fundamental do orçamento doméstico. Todo mundo entrava nisso, eu não porque era ainda muito pequena, mas meus irmãos colaboravam no fim de semana.

RM – Como?

VH – Ajudando a fazer as colunas de xadrez para o jornal.

SH – A Isah fazia os diagramas; a Gilda tirava do gravador porque já tinha aquele gravador de arame; Sérgio distribuía nos jornais; e eu recolhia o dinheiro porque dinheiro era só comigo. Eu tinha que ir aos jornais buscar o dinheiro.

VH – Isso é para mostrar que nunca houve folga de dinheiro. Eu entendo muito bem que os americanos não entendessem nada. Porque se o americano não tem uma grande quantidade de dinheiro no banco e um lastro de uma poupança, jamais se preocuparia em chamar 30/40 pessoas a sua casa para comer e beber a noite inteira.

RM – De jeito nenhum!

PG – É, porque para eles é um jeito fausto.

VH – De jeito nenhum. Mas aí passava um outro lado dele, que eu acho que é genético, porque tem outras pessoas na família, da idade dele e nas gerações posteriores que são igualzinhas. É a coisa do sensitivo, da apreciação pela qualidade. Então é questão de valoração. Por exemplo - pessoalmente já considero um absurdo na nossa situação atual, embora minha mãe incuta nos meus filhos a mesma história - só se comia filé mignon. E como? Mas como?

SH – Não, com o Sarney não dá!

VH – Como é que um funcionário público, que não é rico, só come filé mignon? É tudo uma questão de balancete. Você come filé mignon em detrimento de muitas outras coisas, de muitas outras despesas, de muitos outros supérfluos, mas só se comia filé mignon. Só se vestia roupa de primeira qualidade. Na adolescência, as meninas aparecerem com vestido estampado era declaração de guerra, porque não vestia...

RM – Para ele?

VH – Por que não vestia? Porque não havia personalidade que suportasse o bombardeio. Até mesmo o estilo de se pentear... Durante anos, na época de Ava Gardner, alguém que usasse cabelos longos e pastinhas era chamado de Besanson Lilage no almoço e jantar inteiro, e era premiado com recortes de jornal de como era terrível o cabelo da Besanson Lilage. Até que ninguém mais resistia e fazia qualquer coisa com o cabelo, contanto que não ficasse sendo chamado de Besanson Lilage o dia inteiro. Enfim, então existia toda uma valoração exatamente nesse sentido. Comia-se bem; bebia-se bem; vestia-se bem; lia-se bem. Quer dizer, tinha todo um investimento na área cultural e na área de bem estar físico. Não, não era uma coisa... Veja bem, quando eu digo que só se comia filé mignon, não se comia jamais caviar. Não é por aí a coisa. Quer dizer, comia-se filé mignon com batata frita, arroz e feijão, mas comia-se filé mignon. Enfim, era toda uma valoração que ele passou como um conceito muito forte de família. E que até dava margens depois, muito mais tarde, a discussões políticas quando se passava pelo nivelamento por baixo, pelo nivelamento pelo meio, pelo nivelamento por cima. Aí entrava mais o objetivo de cada um, onde é que se queria chegar e tal. E se discutia mais aprofundadamente isso. Por exemplo, ele só tinha um sapato. *(risos)* Ele só tinha um sapato.

RM – Era ótimo, não é não?

VH – Esse sapato ia a Manguinhos todos os dias. Era um par, não era um modelo de sapato, era um par. Ia a Manguinhos, passava o fim de semana, ia de férias, ia aos mais finos coquetéis das embaixadas, viajava para o exterior. Era aquele par de sapato, era ótimo. Então ele comprava o par de sapato sob medida, quando ele viajava, lá fora, e aquele par só era aposentado quando acabava. Eu me lembro perfeitamente que havia um tempo de intermediação. Quando o sapato já estava tão medonho que não dava mais para ir às grandes recepções, ficava um outro numa caixa que era usado com o terno. Mas logo logo, esse do terno virava o sapato de todo dia porque trocar de sapato não tinha nada a ver. Ele usava o mesmo modelo de calça.

RM – Silvia, você disse que isso era genético?

PG – O mesmo modelo?

VH – Acaba passando um pouco também.

RM – Mas de quem seria? De quem teria adquirido?

VH – Eu não sei de que lado é, porque a gente sabe muito pouco a respeito dos lados.

SH – Não seria da velha Miloca. Não seria da velha Miloca não. Acho que isso aí é do velho Oswaldo.

VH – Então do velho Oswaldo, enfim...

SH – Porque o velho Oswaldo é que gostava de se apresentar, etc. e tal, entende?

PG – Muito vaidoso, não é?

SH – O Walter não chegava a ser vaidoso.

VH – Não.

SH – Diziam: "Ah, que comunista é esse que só come filé mignon; que só anda não sei o quê?" Ele dizia: "Mas quem disse? Eu quero que todos comam filé mignon."

VH – Era essa discussão...

SH – Agora, ele ia a Manguinhos sempre de calça de brim e camisinha velha. Agora, a camisa era de cambraia de linho, a calça era de linho. Isso eu mandava fazer. Outra coisa, ele nunca foi a coisa nenhuma. Tudo era feito nessa casa. Eu conseguia alfaiate aqui, eu conseguia cabeleireiro aqui para não perder tempo.

VH – Não perder tempo não. Ir a uma loja significava entrar em toda a história de consumismo. Roupa era para ser boa, para ser cômoda. Ele não usava uniforme, como por exemplo na época do Jânio ou na China de Mao, porque tinha assim pequenas variedades de cor, mas era a mesma calça, a mesma camisa, o mesmo tudo. E ficava assim como se fosse uniforme. Então tinha aqueles da semana inteirinha. Tudo que ele fazia era tirar um botar outro, tirar um botar outro. Aquele mesmo sapato... Não saía disso. E as bermudas do fim de semana também eram iguais, não podia sair daquilo não. A gente que se virasse no Rio de Janeiro quando saía de linha ou quando as casas acabavam de velhas e não sei o quê.

PG – Você falou que tinha o modelo da...

SH – Até que no fim da vida eu consegui botar umas camisas cinza claro e azul claro. Umas camisinhas de cambraia. Já estava tão difícil arranjar cambraia, sobretudo porque dava aquele ar amafanhado. Ele vinha, parecia que...

RM – Que cor era?

SH – Era branco.

VH – Era tudo clarinho. Não, branco não. Era begezinho, cinza clarinho.

SH – No começo? Você não viu a época dos brancos. Os filhos nasceram, só podiam ter roupa branca. Era tudo branco. Depois eu consegui o bege claro, azul claro e cinza claro. Eram os três que eu consegui. Amassava tudo!

VH – Parecia que tinham jogado uma lata de tinta em cima dele e amassado todo, porque aquela roupa amassava para caramba. Ele vivia sempre assim. Não era desse linho que a gente usa hoje, razoavelmente encorporado...

SH – Não se misturava com tecido sintético.

VH - Não, era aquele fininho feito roupa de criança. Então era pior ainda.

SH – Não, ele tinha uma sensibilidade especial.

VH – A aparência era de que tinha saído da cama aquela hora.

SH – Toda a roupa dele tomava banho de ovo. Ele achava que eu era doida, mas eu sabia que ele sofria realmente. E quando ele morreu então...

VH – Bom, mas vamos voltar. Gadelha está perguntando alguma coisa.

PG – A gente vai voltar à questão da relação inclusive com os filhos, não é? Mas eu queria...

VH – Mas a gente estava falando do dinheiro para chamar atenção de que o dinheiro sempre foi controlado por ela e por isso dava. Priorizava-se, mas era um milagre como o dinheiro dava.

SH – Nunca ninguém teve mesada aqui. Tinha que trabalhar para receber. Então um fazia o xadrez, o outro fazia na máquina. Ele absolutamente não dava mesada.

PG – Mas eu quero pegar o gancho dessa questão da gerência dos recursos. Nós vimos que ele não tinha muito apoio interno em Manguinhos. Tinha dificuldades e ele foi buscar fora. Aparece uma figura que é constante na área de apoio à pesquisa: Guilherme Guinle. Eu queria que você comentasse como era essa relação com o Guilherme Guinle. Como se estabeleceu? E depois, como ele foi montando essas outras relações de apoio internacional?

SH –O Guilherme, você sabe, dava de um modo geral. Acho que ele já dava até ao Carlinhos Chagas.

PG – Ao Evandro Chagas...

SH – .... e ao Evandro. Eu tinha uma certa relação porque eu tinha uma prima irmã que era afilhada do Guilherme. O Guilherme freqüentava a casa do meu tio, de modo que essa parte... Eu já conhecia o Guilherme, mas não tive nenhuma interferência, só pelo relacionamento, pela facilidade de ir lá. Ele escreveu uma carta e pediu ao Guilherme. E

o Guilherme prontamente cedeu. Eu me lembro que perguntou quanto ele queria. Ele pediu seis cruzeiros. E o Guilherme disse que ele poderia, todo fim de mês, mandar buscar dez. E eu ia buscar nas docas de Santos, ali na esquina da Sete de Setembro. Mas o Guilherme era fechadíssimo, por isso ele...

RM – Eram dez o quê?

SH – Eram dez cruzeiros. Eu não sei nem o que seria hoje, mas naquele tempo ajudava muito, sabe? Eu fazia complementação salarial do pessoal que ficava horas fora. Eu fazia uma porção de coisas pequenas que hoje a gente chama de pronto pagamento. Porque não tinha nada, não tinha um vintém. Manguinhos não dava nada, embora ele devesse ter bastante ali. Mas o que ele precisava, nunca tinha.

VH – Mãe, espera aí. Historicamente eu já me perdi. Isso aí era na década de 30 ainda?

SH – Guilherme já é em 1940.

VH - Mas isso foi depois que vocês voltaram dos Estados Unidos, não? Quando é que vocês foram para os Estados Unidos?

SH – Não, não, isso foi antes. Quando nós fomos para os Estados Unidos, ele tinha auxílio... A primeira tentativa, quando nós ficamos sozinhos em 1940/1941, 1941/1942... Ele foi em 1939, voltou em 1940/1941 quando nós ficamos lá. Mas ele tentou, aí não obteve nada. Ele veio ao Rio, veio ao Brasil e nós aqui ficamos vivendo desse auxílio de Guilherme Guinle.

PG – Quer dizer, o Guilherme era o início da década de 40?

SH – Foi o início da década de 40, quando ele auxiliava isso tudo. Depois, na outra ida para lá, aí mais seguro, sabendo, já tinha escrito muitas cartas... Porque eu estava vendo a maçaroca de cartas que tem, todas cópias. O que essa criatura escreveu, pedindo, falando, um mundo de coisas! Ele vivia pedindo e tentando. Aí ele obteve essa parte do NIH[4].

VH – Não, mas isso foi muito depois.

SH – Pois é. Foram os dois auxílios que ele teve.

VH – O que ele pesquisava quando voltou dos Estados Unidos em 1940?

SH – Estava fazendo aquela parte de rãs, fenil... Começou com os radioisótopos.

VH – Sim, mas aí já entrava pela coagulação e pela hemostase.

SH – Não, em 1941 não. Hemostase veio muito depois.

PG – Ele já estava com a ancilostomíase?

SH – Não, não era...

[4] National Institute of Health.

RM – Ele fez os primeiros estágios nos Estados Unidos, em 1940, em anemia em geral.

PG – Tem uma fase que eles fazem inúmeros levantamentos também ligados a higiene industrial.

SH – Higiene industrial?

PG – Existia um departamento de higiene industrial do Barros Barreto, e eles fizeram alguns levantamentos com relação a anemia em operários, inclusive na Fábrica Nacional de Motores. Ele não estava envolvido?

SH – Ele estava, mas ele ainda era anemias ferroprivas, o que ele sempre batalhou, não é?

PG – Foi em 1945, por aí. Ainda tem relatórios com relação a isso.

SH – Era o Maurício Rocha e Silva, não é? Era Maurício e aquele outro irmão do Maurício, que era diretor da Fábrica Nacional de Motores no caminho Rio-Petrópolis. Ele ia lá fazer essas investigações, essas dosagens. Sempre dosagens, não é?

VH – Quando é que ele começa então a mudar de área?

SH – Hemostase?

PG – Sim, mas antes, só um instantinho para a gente se localizar, ele tenta um contato com os Estados Unidos...

SH – Deixa eu mostrar para você a lista dos trabalhos. Aí você vai vendo, está por ordem.

PG – O Guinle, ao conceder o auxílio, submetia algum tipo de apreciação sobre o projeto?

VH – Nada. Nem prestação de contas.

SH – Nada, nada, nada. Não queria a menor prestação de contas. Não queria nada.

VH – Eu me lembro era tipo mecenas mesmo.

SH – Absolutamente. Não, nada.

VH – Era como quem dava para artista mesmo. Não tinha esse negócio não.

SH – Exatamente. Não queria saber de nada. Era o contrário do NIH que queria saber até dos parafusos. Esse não queria saber de nada, nada. No NIH, cada ano tinha aquele projeto todo que ia para apreciação, para aprovação. Depois vinha aquela coisa toda, mas... *(campainha)*

SH – Agora sim!

VH – Agora sim acabou nossa alegria.

PG – O que foi?

SH – São as crianças! *(interrupção de fita)*

PG – Mas Sílvia, a gente estava falando que o Guinle tinha essa coisa de mecenato mesmo. Não estava preocupado com o que estava sendo produzido, sabia que era de qualidade...

SH – Nada. A única coisa que existiu era aquele agradecimento. Todas as publicações têm o agradecimento embaixo, tem anotado embaixo.

PG – E isso durou quanto tempo?

SH – Quanto durou? Quando ele morreu nós estávamos nos Estados Unidos. Eu não sei quando morreu o Guinle. Não foi em 1960?

VH – Assim em ordem de grandeza, era quantos anos mais ou menos?

SH – Acho que quase vinte anos.

PG – Durante todo esse tempo ele manteve...

SH – Manteve. Engraçado que eu não me lembro de ter havido aumentos. Quando ele morreu, deram ao Walter o correspondente a seis meses ou uma coisa assim. Porque ele tinha deixado ordem com o irmão para não cortarem de repente. Nós recebemos. Eu me lembro que uma vez o Walter fez uma homenagem qualquer... Como foi? O Carlinhos Chagas fez qualquer coisa... No laboratório de Biofísica tem os agradecimentos daqueles que recebiam. Eu sei que Walter fez um discurso muito bonito para ele. No dia seguinte, eu recebi umas flores mandadas pelo Guinle em agradecimento pelo que o Walter tinha falado dele. Mas depois ele morreu, daí nós fomos batalhar mesmo pelo auxílio do NIH que era de outra grandeza.

PG – E como foi conseguido esse auxílio do NIH?

SH – Lutas e lutas e lutas, e vai e vem, e pede. Aí ele já tinha um certo nome lá. De modo que o pessoal dava testemunhos, houve cartas para o NIH de laboratórios onde ele tinha trabalhado. Ele pedia e eles mandaram. O primeiro foi o mais difícil, depois não tive mais dificuldades. Depois foi sempre renovação.

Fita 2 – Lado B

VH – Você começou a falar dos amigos, mas não falou dos amigos coisa nenhuma. Então tem pessoas que, no futuro, vão bater lá na frente com coisas importantes.

SH – É, só falei dos amigos de diversão.

VH –Você está vendo a parte de auxílios. E dentro da instituição de 1940 a 1950, vocês tem isso levantado? Como é a trajetória? Como a coisa vai caminhando? Porque depois chega naquele departamento, mas deve ter tido etapas no caminho. Quando voltou dos

Estados Unidos, ele foi trabalhar em que lugar físico? Quer dizer, no mesmo que ele trabalhava? Ele trabalhava com alguém? Ele tinha auxiliares? Ele tinha um chefe? Ele era o chefe? Como era?

SH – Ali eu estou um pouco longe... O Gildo sabe muito mais do que eu. O Gildo me disse que deu a vocês aquela etapa toda em termos auxiliares. Eu poderia levantar isso. Isso posso levantar porque ainda tenho recibos do pessoal que trabalhava, aquela coisa toda. Teve a construção daquele prédio, ele ficou com o 4º andar, não é? A passagem para aquele prédio demorou... Quando o Laranja foi diretor de lá começou a melhorar a vida dele. Quem foi mais? Foi primeiro Aragão, depois o Laranja, não é?

VH – Não tinha um Limaverde?

SH – Não, Limaverde era o meu colega. Laranja e Limaverde. O dele era Laranja, o meu era Limaverde.

PG – Teve o Olympio, não é? Foi Cardoso Fontes, Aragão, Olympio...

SH – Depois o Laranja?

PG – Depois o Laranja, depois o Xavier. Foi mais ou menos por aí.

SH – Ele tinha muitas restrições ao Xavier, por exemplo. O Xavier era um homem muito educado, muito fino. O Walter não tinha nenhuma apreciação pelo Xavier como cientista, e imaginava que ia ser uma coisa horrorosa. Mas a vida dele foi tranqüila porque o Xavier o respeitava profundamente e se não auxiliou muitíssimo, também não atrapalhou. Quando o Xavier foi diretor foi uma época calma do Walter, lá em Manguinhos.

VH – Esse eu me lembro. Sempre criticando. Sempre, todos. O Laranja, o Xavier... Sempre fazendo crítica porque não era como deveria ser. Mas a amenidade desse período Xavier e Laranja, reconhecendo os eventuais apoios, as eventuais facilitações.... Isso, me lembro.

SH – O Laranja também. O Laranja veio de Belo Horizonte, não sei, veio de Minas, não sei exatamente de que cidade. O Laranja chegou mesmo a ajudar; procurava, fazia coisas. Por falar nisso, vocês me perdoem, ontem apertei a mão do Raymundo de Britto. Mas depois que perdeu aquele filho não tive coragem de... Disse: "Oh, Sílvia!" *(riso irônico)* Mas ele está tão acabado. Vocês não viram ele lá não?

PG – Eu não vi.

VH – Nem eu.

SH – Eu fiquei sem graça porque o homem sofreu tanto que a vida já se encarregou de castigá-lo. E depois entrou o desgraçado... Quando a gente diz assim: "Ora, só faltava agora ser ele".

VH – Mas esses poucos cobrem o período todo em termos de direção?

PG – Não, ainda tem o Tito Cavalcanti, um pequeno período...

SH – Muito pequeno, não é?

PG – Bom, é o Xavier...

VH – Até que eram estáveis as administrações...

PG – Teve outro que ficou um período curtíssimo...

SH – Teve aqui um que era gordo. Como era?

PG – Estou com o retrato dele...

SH – Eu também, mas não estou me lembrando.

PG – Não estou lembrando. A gente recompõe isso depois. Agora, estou querendo caracterizar melhor essa coisa do NIH. Como se conseguiu...

SH – Exatamente...

PG – ... e a gente sabe que depois de Rocha Lagoa vai haver uma série de restrições para obtenção desses recursos...

SH – Não chegou a haver não.

PG – Não?

SH – Não houve nada. O Rocha Lagoa tentou. Não conseguindo foi com o Fonseca a Washington, foi lá a Bethesda. Nós soubemos que disseram que eles davam a quem eles quisessem; que era um dinheiro deles; que eles davam a quem quisessem. Porque ele disse que não queria. O dinheiro estava no nome do Walter. Tanto que o Walter tinha uma conta lá no First National City Bank onde a gente já pagava certas coisas; comprava e já pagava lá. Depois, com o imposto de renda, eu tive que provar que esse dinheiro que estava lá não era da família; era dinheiro do Governo. Eu tive que devolver, inclusive, o que estava lá na conta. Uma parte ficava lá, e a outra vinha pela Embaixada. Eu ia buscar na Embaixada para pagar o pessoal aqui. Mas ele foi lá para tentar cortar, dizia que tinha que ser dado a ele.

VH – A ele instituição?

SH – E eles já sabiam, porque há alguns anos que Walter dissera que, por ele, não aceitava, que ele absolutamente não aceitava.

VH – Esse é um fator importante, porque houve uma reunião aqui que eu me lembro, que foi uma coisa que dentro do cenário político todo, não combinava muito bem. Logo depois de 1964, quando começou a haver todas essas pressões... Quando ela diz: “Eles já sabiam”, é porque houve uma iniciativa do NIH de se informar exatamente sobre que estava acontecendo. E tiveram uma enorme sensibilidade de entender o quê realmente estava acontecendo. E isso a que ela estava se referindo de que ele tinha uma conta nominal, e que o *grant* era dado nominalmente, feria frontalmente a política da instituição

deles. Porque eles estavam na fase em que se propunham sempre a financiar instituições. Tanto que na América Latina todinha, quando ele morreu, era o único *grant* pessoal que persistia. Então houve toda uma sensibilidade da parte do NIH, embora todos os envolvimentos políticos internacionais em relação à situação do País como um todo, de perceber e de prestigiar essa situação. Então houve desgaste, houve tensão, houve tudo isso, mas a verdade é que o tempo inteirinho ele foi apoiado e foi mantido, apesar de ser contra as políticas institucionais de ambos os lados.

SH – Até morrer. Vieram os *grants*, vieram. Ainda veio até um mês depois, que eu nem fui receber.

PG – Depois a gente volta à questão da relação com as várias gestões de Manguinhos. Mas a gente já está no tema de 1964 e aí há muita coisa para falar, não é? Porque, num certo momento, você falou que ele comentava assim: "Ah, nunca vi comunista estar preocupado..."

SH – Era. Comer filé mignon, e viver como ele vivia...

PG – Pois é. Então, a primeira coisa que eu queria ver, era o seguinte: ele era tido como comunista ou como ele se via? E depois, como era a relação dele com as áreas organizadas?

VH – Bom, vamos ver. Como ele se via: de novo o racional e o afetivo, quer dizer, a imagem. Ele fazia absoluta questão de divulgar que era um ser apolítico, seja lá o que isso quer dizer. Porque ele também não entrava em explicações para definir o que era ser apolítico. Ele simplesmente se declarava apolítico. De sentimento, evidentemente ele era comunista porque assim ele nos instruiu a todos, sem jamais ter tido o nome, sem jamais ser de uma forma doutrinária. Porém não deixa margem de dúvida conceitualmente, a respeito mesmo de prática e de preceito, e de formação quanto a qual era a opção dele em termos ideológicos. Jamais de forma organizada. Então ele nunca participou de nenhum partido político. Ele tinha uma profunda descrença na classe política brasileira como um todo, com particular restrição aos partidos mais progressistas, que aliás era uma característica dele como homem. Ele sempre tinha mais restrições àquilo que se aproximava mais do seu ideal. Era como se ele desse assim uma colher de chá implícita a todos os PDSs e UDRs da vida, porque eles estavam no seu papel. A ele cabia cobrar criticamente daqueles que deviam ser os instrumentos de realizar os pensamentos e as vontades dele, e ele sempre achava que faltava alguma coisa.

PG – E nisso se inclui a visão dele sobre o Partido Comunista?

SH – Sobre o PC.

VH – Incluía a visão dele sobre o PC. Eu nunca tive oportunidade, não houve tempo de conversar mais seriamente, mais aprofundadamente, por uma questão de defasagem de idade mesmo. Mas o que me ficou de imagem é que ele achava uma coisa muito rudimentar. Quer dizer, como se nós estivéssemos numa época quase feudalista em termos de progresso dos PCs. Ele já não se manifestava dessa maneira com outras formas mais organizadas, e mais desenvolvidas. Por exemplo, nunca vi ele fazer nenhuma crítica ao PC da União Soviética; nunca vi ele fazer nenhuma crítica ao PC da China. Ele chegou

a apoiar e incentivar Cuba durante um tempo razoável, mesmo usando-a como exemplo de tudo que era feito.

SH – Ele contribuía financeiramente. Eu levava todo mês.

RM – Para quem?

SH - Meus amigos que você diz... Através de Acioly nós mandávamos para o Barata. Maria Barata levava para o Barata. Nós contribuíamos para o PC. De modo que ele tentava ajudar, embora...

VH – Este fato é inédito. Quer dizer, esta informação é inédita.

PG – Por isso que eu me dirigi para cá, porque eu sabia que você...

VH – E é muito importante isso, porque bate com o resto do quadro todo. Essa é uma coisa que vai ser margem de fórum de discussões familiares futuras. É bem típico. Quer dizer, é inédito. Eu não conhecia, mas não me causa o menor espanto. Porém isso jamais foi divulgado a nenhum nível. Porque, inclusive, isso foi questionado bem deliberadamente, não em termos financeiros, mas em termos de uma participação mais efetiva. E que sempre foi negada e sempre foi desencorajada, enfim.

PG – Mas Sílvia, a gente está também lidando com a questão dos cassados, não é? Não existia também um certo compromisso de não revelar certas coisas? Quer dizer, o fato de ter algum tipo de vínculo seja como simpatizante...

SH – Se havia esse compromisso eu não sei, porque o Walter não se ligava muito a esse pessoal. Por exemplo, essa história que você estava perguntando hoje do NIH... A única coisa que existiu do Walter foi a assinatura daquele célebre telegrama ao Senador Prestes. Ele chegou em casa, eu digo: "Mas você assinou? Porque você não assina..." Eu não pensava assim como ele não. Eu era um pouco mais afoita. Eu achava que tudo que pudesse atrapalhar... Achava assim: "Para que você assinou?" Porque ele já chegou em casa duvidando se devia ter assinado. Ele disse que teve vergonha. Depois da guerra as tropas americanas ficaram em Natal...

VH – Em 1947.

SH - Justamente eram as tropas americanas, e eram os americanos que estavam dando dinheiro a ele! O telegrama apoiava o Senador Prestes. Porque o Prestes protestou no Senado quanto à permanência das tropas em Natal uma vez que estava terminada a guerra. O telegrama original dizia: "Independente de credos políticos e tal, apoiamos o Senador Prestes quando pede a retirada das tropas americanas de Natal." Porque não tinha mais porquê. E ele assinou. Colheram milhões de assinaturas, e passou em Manguinhos. Eu digo: "Você nunca fez nada assim." Mas era o Pimenta. Quando ele veio me falar do Pimenta, eu digo: "Não me bota Pimenta nessa história, não". O quê? Era sujeito mais sujo que existia lá nesse sentido. Porque o Pimenta era assistente dele. Ele disse que todo mundo sabia a maneira dele pensar, aquela coisa toda. Ele disse que sentiu vergonha de não assinar aquilo. Era mais forte do que ele. E o Pimenta mostrou aquele telegrama. O irmão do Pimenta era do Partido Comunista. Aí tiraram depois aquele cabeçalho e transformaram aquilo num apoio ao Partido...

VH – Manifesto do Partido...

SH – ...manifesto do Partido. O telegrama é a única coisa que existe pela qual o Dutra não deixava ele sair, aquela coisa toda. Daí é que ele começou a ser chamado de comunista e tal.

RM – Eles utilizaram essa lista?

VH – Utilizaram...

SH – Utilizaram toda vida.

RM – Como um Manifesto de apoio?

SH –Foi. Foi por isso que ele foi proibido...

VH – Não. A história vai mais longe. É sempre a velha história de não transar direito os dois lados. Quer dizer, quando ele faz esse relato de que ficou com vergonha é a racionalidade da coerência e tal. A verdade é que ele tinha...

SH – Mas o Pimenta não assinou!

VH - Foi uma das poucas vezes que eu soube que ele teve uma ligação afetiva, com o Pimenta...

SH – Ele foi padrinho de casamento.

VH – Esse que era assistente dele - nem sei de quem estou falando, eu nunca o conheci. Ele foi padrinho de casamento dele.

SH – Uma exceção!

VH - Ele deve ter conseguido o envolvimento do Walter com uma lábia incrível. Primeiro porque ele não era muito dos casamentos; muito menos ser padrinho de nada; e muito menos envolvimento com os colegas de trabalho. Ele conseguiu de uma forma qualquer esse envolvimento, que meu pai foi padrinho de casamento dele. Parece que quando esse Pimenta levou o telegrama para ele assinar houve assim um chamativo, todo um clima de que estava levando assim tipo “para o meu padrinho assinar”. Tenho a sensação de que a dúvida maior dele foi ter percebido por alguma coisa, por algum clima, que estava fazendo aquilo que ele não costumava fazer, que ele estava se envolvendo. E para cúmulo do azar ainda houve essa manipulação na hora de distribuir as folhas, porque não devia ter cabeçalho em todas. A verdade é que a folha que tinha a assinatura dele foi junto ao Manifesto do Partido e não como uma coisa suprapartidária, de soberania Nacional.

PG – E o Pimenta...

SH – E ele, Roberto, não assinou essa lista. Porque ele estava coletando assinaturas para o irmão. O meu grande ódio do Pimenta é porque o Pimenta não assinou essa lista.

PG – Não assinou...

SH – Faz anos que ele mora aqui na Avenida Oswaldo Cruz. Tem um Parkinson tremendo, nem sai nem nada. Todos sabemos.

VH – Eu não sei nem se houve nenhuma intencionalidade nessa ação não.

SH – Por que ele não assinou?

VH – O Pimenta deve ter sabido qual seria a utilização futura das assinaturas e, evidentemente, não quis se comprometer. Claro, isso aí fica claro. Mas não creio que houvesse uma intencionalidade de comprometimento político não. Quer dizer, aquilo foi um desenrolar, foi um desdobramento posterior, no meu entender.

PG –Essa é uma coisa que a gente ainda não conseguiu detectar direito. Quer dizer, havia obviamente uma série de simpatizantes do partido...

SH – Nenhum comprometido assim abertamente. Aquele episódio do carro, que você contou, eu não me lembro, eu não vivi, porque o Walter sempre tentava se isolar.

VH – Bom, eu não sei como era a situação real do Partido naquela época. Quer dizer, como funcionava burocraticamente. Se existia ficha de filiação, se existia listagem de simpatizantes, enfim, eu não sei qual era exatamente a forma de ligação dessas pessoas com o Partido. As únicas coisas que nós sabemos são fatos em termos de ação, de prática. Então, na prática, ele se comportava dentro da organicidade partidária. Agora, qual era o vinculo real, formalizado...

PG – Isso nunca transpareceu nas reuniões aqui?

SH – Quando era com Acioly Borges... Quem mais? Por exemplo, houve muitas reuniões dessas mas eram na casa do Gustavo Coução, antes...

VH – Antes do milagre.

SH – Coisas da... Era Acioly, o próprio Coução. Mas aqui, onde ele sempre contava conversava mais abertamente, era com Haity, Acioly, Leite Lopes, Danon que depois virou de uma maneira tremenda. Danon e essa gente. Aí se conversava abertamente.

RM – Sobre política?

SH – É.

PG – E sobre o Partido também, não é?

SH – E aí ficava clara toda a ideologia deles. Sempre se preservando... A desculpa era... Não deixavam de ter razão. Porque neste país, o que se sofreu, o que não se fazia... Às vezes eu implicava, dizia: “Você é covarde. Não me deixa fazer, você é covarde”. Ele dizia: “Mas eu não posso. Vão me atar e eu posso ser mais útil tomando essa atitude, fazendo outras coisas do que como você quer”. Como é que ele dizia? Ele não era ‘demagogo de peito’, de ir lá e... Ele dizia: “Não vou.” Uma vez, quando nós saltamos

em Recife, vi uma menina evidentemente com esquistossomose e queria dar esmola. Ele não me deixou dar. Ele disse: "Não, não dá porque você está adormecendo a sua consciência. Você vai sofrer em casa para fazer uma coisa mais séria." E não me deixou. Eu fiquei assim... De modo que ele não admitia; ele não tentava adormecer a consciência dele. Ele agüentava, e só fazia aquilo que ele achava que era...

VH – Isso é complicado. Depois de 1964, aí inclusive em termos da família, voltando aquela história de que era o núcleo afetivo e onde descarregava, as discussões se ampliaram, e ficaram mais complicadas. Porque o fórum de discussões já era com pessoas mais conscientes e maiores. E ficava muito complicado como era a situação frente ao que a gente via na realidade daquele momento. Primeiro a gente analisava a posteriori que havia assim um certo grau de ingenuidade da gravidade do processo. Quer dizer, sempre foi muito personalizado o problema. Primeiro, houve um tempo que era uma perseguição pessoal do Rocha Lagoa a ele. É claro que não distanciado de um processo político, mas o processo político entrando para fortalecer o Rocha Lagoa, e não como parte de um todo. Então houve um interregno de não percepção da extensão e da gravidade do problema, que não era particular dele; era de grande parte do pessoal de Manguinhos também. Sempre essa eterna busca dos canais, não dos canais de articulação política, mas dos canais para permitir a continuidade do trabalho, para facilitar e para não interromper. E depois o medo de um posicionamento mais claro. E aí vem a grande injustiça de todas as coisas que ele sofreu, sem sequer ter tido o direito de ser cassado, uma vez que morreu antes. Foi, digamos assim, um contra-ponto a toda uma trajetória. Então a trajetória foi exatamente essa como ela estava dizendo. Em casa, a gente questionava se não era covardia, se não era falta de se expor o suficiente; cobrando sempre uma participação mais orgânica, maior.

PG – E ele achava que estava se preservando para ter uma ação mais eficaz.

VH – Ele achava que não era o papel dele; que jamais poderia ter eficácia e efetividade indo para linha de frente. Ele tinha o compromisso de continuar dentro da linha de trabalho que ele sempre achou que fosse um fator de libertação nacional a longo prazo, e que por aí que tinha que investir.

PG – E aí você acha que no final ele meio que cai em si?

VH – Não, eu não acho que ele caiu em si não, muito pelo contrário. Eu acho que ele foi caído em si pelas circunstâncias. Tenho impressão que esse foi o grande amargor. Agora estou me imaginando dentro da cabeça dele naquela época, imaginando assim: "Meu Deus, o que eu adiantou eu ter deixado de me expor? Ter deixado de lutar de uma forma mais aberta em nome de uma coisa, quando na verdade estou sendo podado e impedido de seguir o meu caminho por detalhes absolutamente sem nenhuma importância, tipo uma assinatura num telegrama?"

PG – Sim, aí criou uma sensação de impotência.

VH – Total, de não conclusão, de não conseguir atingir o objetivo.

PG – Você acha que a impotência é o que caracteriza a fase final?

SH – Exatamente. O desgosto por impotência. Achar que não tinha conseguido nada. Isso deve ter contribuído muito...

PG – ...para acelerar...

SH – ...para acelerar o processo dele todo, não é? Porque realmente no fim, ele estava muito amargurado. Emagrecia e entrou em depressão embora não saísse de lá. Chegou a mudar a personalidade dele, não é?

VH – Completamente.

SH – Completamente.

PG – Ele mudou de comportamento?

VH – Completamente. Completamente.

SH – Ele mudou completamente.

PG – Perdeu esse lado...

VH – Amargo.

PG - ... mais leve...

VH – Não, ele era um homem absolutamente amargo.

SH – Ele, quando morreu era um homem amargo.

VH – Um homem absolutamente amargo. Amargo e descrente. Amargo. Se bem que é a tal coisa, sempre procurando a saída. Quer dizer, aí vem aquele episódio que eu te contei aquele dia sobre o castelo de ovos, aquelas coisas todas. Sempre querendo uma saída.

SH – Não, nunca ele se entregava.

VH – Mas eu acho até que mesmo da parte dele, sem muita fé, quer dizer, não existia um fogo.

PG – Vera, você pode relatar esse episódio de novo para a gente ter isso registrado?

VH – Olha, foi o seguinte: como eu estava dizendo, eles custaram a perceber do que estavam falando. Até que chegou um ponto que a sucessão de fato foi mostrando que não era uma coisinha à toa, não era uma coisa passageira, não se resumia a retirar o Rocha Lagoa do cenário. Tinha implicações muito mais sérias. Então ele começou - aí é que vem todo o desgosto - a ver a inviabilidade, ainda que temporária, mas a inviabilidade que ele não sabia identificar por quanto tempo... Eles perceberam o vulto da coisa em Manguinhos. Então de repente, Manguinhos não era mais a saída, ou pelo menos não podia ser só a saída. Eu estava estudando fora. Ele foi me visitar porque teve uma idéia. A idéia era a seguinte: tinha reunido a família aqui e venderia todos os bens da família... Aí vem a incoerência e eu gostaria de me reportar ao que a gente estava conversando

ontem: não existiam esses bens. Quer dizer, não havia lastro financeiro contado para isso. Mas seja lá o que for, quer dizer, já me passa um pouco do desespero, sabe, do negócio meio terminal mesmo. Então: vendiam-se todos os bens da família e se investiria na formação de uma Fundação de caráter particular, nos moldes da Fundação Rockefeller, segundo ele. Só que: cadê o lastro? Mas enfim... Então se daria continuidade ao projeto que estava sendo levado em Manguinhos a nível dessa Fundação. Ele tinha muita expectativa; quando eu falava de lastro, ele dizia: "Não, o dinheiro a gente arranja porque tem o NIH, tem isso, tem aquilo. Eu tenho certeza que a gente vai conseguir subvenções de peso que tornem viável..." Ele já estava se sentindo doente, já estava assim nessa fase meio deprimida, e ele não tinha confiança em ninguém. Acho que ele também não estava a fim de envolver minha mãe nisso aí. Então ele foi lá me propor que como eu ainda era moça e estava começando a vida, se queria assumir com ele o compromisso formal de dedicar a minha vida a ser o administrador disso. Porque cientista para rechear ele tinha. A essas alturas ele já tinha formado toda uma escola, tinha as relações, e tal.

RM – Quando foi isso?

VH – 1966. Janeiro.

PG – Ele chegou a botar no papel?

SH – Não. Ele tinha uma profunda admiração pela capacidade da Vera. Ele achava que a Isar era apaixonada, a Gilda era artista... Então ele queria investir tudo ali. Ele tinha uma profunda confiança que se ela quisesse levaria a cabo isso.

PG – Mas ele não chegou a detalhar no papel o que seria isso?

SH – Não, porque ela deu logo uma ducha fria.

VH – Não, aí foi a coisa ruim. Até talvez porque eu já estivesse fora a uns meses e já tivesse uma visão mais... do infinito... do que era. Eu argumentei que isso não tinha nada a ver. Primeiro porque era uma iniciativa isolada, coisa que desde aquela época eu não acreditava. Segundo, porque não tinha lastro financeiro, não tinha lastro político coisa que ele nunca levava em conta. Mas enfim, ele não era nenhum Rockefeller para poder resolver fazer uma Fundação. Disse que achava que aquele projeto era construir um castelo sobre ovos; que não tinha razão de ser e que eu não estava a fim de investir a minha vida numa coisa que eu, a priori, não via a menor sombra de sucesso.

PG – E havia cláusulas pessoais também?

VH – Ah sim, as cláusulas pessoais eram bem no estilo do resto todo. Quer dizer, nem pesavam tanto assim porque eram meio rotina. O compromisso a ser assumido significava que eu não poderia me casar antes dos 30 anos; que eu não poderia deixar de estudar, e que eu não poderia isso, eu não poderia aquilo. Enfim, que era tipo uma opção monástica por administrar essa nova Fundação que nasceria. Porque ele tinha isso. Ele não era uma pessoa de exteriorizações românticas, mas no fundo era um romântico. Quer dizer, foi uma crise de Dom Quixote. Quer dizer, eu tinha que ser assim um "Sigfried" da Fundação dele para tocar aquilo; daquelas que morrem envolvidas na bandeira da Fundação na hora da invasão. Coisas bem assim! Quer dizer, ele já estava absolutamente... A sensação que eu tenho hoje - na época não tinha como ter nenhuma visão – é de que ele já estava

encurralado. Ele já estava sem saída. Ele não via nenhuma saída. A minha proposta sempre foi desde antes de viajar a que acabou acontecendo com a maioria dos cassados. A minha proposta era que ele saísse. Até porque ele tinha um nível de relações internacionais, não faltaram propostas absolutamente concretas e de interesse não só financeiro como científico. E aí entra o tal lado da confusão do posicionamento político. Ele jamais encarou a sério qualquer dessas propostas. A sensação nítida que eu tenho hoje é que essa foi uma idéia que jamais passou na cabeça dele. Embora fosse discutido, ventilado, ponderado, ele nunca aceitou a idéia de sair.

SH – Ele tinha um ponto muito certo. Ele achava que era obrigação.

VH – Ele achava que tinha que ficar.

SH – ...que tinha que trabalhar aqui. Cada tijolo era um tijolo. Tinha que ficar porque se eles abandonassem é porque jamais...

VH – Ele achava que a resistência era aqui e que seria fuga sair.

SH – Ele achava covardia sair. Absolutamente não imaginava...

PG – Agora, em 1967, ainda notamos o grupo de cassados esperançoso de alternativas. Há um trecho do discurso de Herman Lent na Academia de Ciências em homenagem ao Walter, que ele fala que finalmente os governos estão começando a perceber a importância da ciência e que a idéia do Ministério da Ciência passou a ser viável. E você percebe que eles acreditam que, mesmo em 1967, ainda haveria alternativas para a área de ciência. Fico me perguntando se essa antevisão do Walter de que já não havia mais alternativas, de que ele precisa sair para um outro projeto está ligada apenas a uma lucidez política ou se já é também a vivência da doença, perceber os limites físicos...

VH – Aí tem uma coisa complicada.

PG - Remeto a uma questão: como ele vivencia essa doença? Porque é uma forma complicada de vivenciar, não é?

VH – Acho que tem uma coisa que não tem a ver com a doença não. Tem a ver com o seguinte: naquele momento, em 1964, não só em termos de projeção pessoal, de reconhecimento internacional, mas em termos de volume de trabalho e de expansão até de área física, havia uma diferença nítida entre o Departamento...

PG – De Patologia.

VH - ... a Divisão de Patologia que ele chefiava e o resto de Manguinhos. Quer dizer, tinha um peso ponderal muito grande de reconhecimento geral, e mesmo de formação de Escola daquela Divisão em relação a Manguinhos como um todo. Em outras palavras: em termos de propaganda era muito mais importante destruir aquilo do que investir no ônus político de destruir maciçamente. A sensação que eu tenho é que essa foi como uma etapa. Além do que, uma coisa que eu acho que ficou implícita, mas não foi tocada explicitamente, meu pai era uma pessoa...

Fita 3 - Lado A

_VH - ... para ele, que às vezes não podia perder tempo de dizer um desaforo pessoalmente. Ele mandava e depois contava que tinha mandado e a gente questionava muito esse papel de mandar leite, de dizer desaforo para as autoridades constituídas... Ele não tinha esse negócio de dar margem, não tinha negócio de colher de chá. Então, era todo um terreno propício a que se investisse contra ele até sob o disfarce da coisa pessoal em primeiro lugar, e não em relação a uma instituição e a um grupo como um todo. Além do que, evidentemente, nesse momento ele sofre em termos pessoais já concretamente, coisa que a gente pode documentar perfeitamente, cerceamentos absolutamente concretos. Os outros ainda estão, digamos assim, naquela situação do clima. Há um clima, mas eles não foram atingidos de forma tão cabal... Isso desnorteia ele no começo: acha que é uma coisa pessoal do Rocha Lagoa. Veja bem, eu não estou descartando que esta hipótese também seja válida não. Eu acho que havia, acumulada a toda a situação histórico/política, essa predisposição.

PG – Ele se referia, em casa, a esse cerceamento crescente?

VH – Sem dúvida. A cada passo era discutido o que ele deveria fazer se por acaso perdesse mais três salas. Como se posicionaria. Aí ele começou, pela primeira vez, a perceber que sem um mínimo de tato, um mínimo de articulação a coisa não caminharia. Mas foi por necessidade, não por descoberta pessoal não. Então esse foi o tal do processo realmente trágico, porque foi paulatino e foi crescente. Veja bem, enquanto acusavam num IPM outros cientistas de Manguinhos de serem comunistas e saíam numa caça às bruxas ideológica; ninguém tinha IPM dizendo que tinha malversado fundos até porque não tinham os fundos para malversar e não podiam, persecutoriamente, ir atrás das outras pessoas. Então, era todo um desgaste, um enlameamento e uma diminuição... E era a história da formação da Escola... Ele era uma pessoa muito transparente; então todo mundo sabia que àquela altura, a formação da Escola era uma coisa absolutamente essencial. Então, na medida em que cerceiavam... Olha, passava pelo *ticket* do almoço; então tirava o *ticket* de almoço dos estudantes; depois tirava o *ticket* de almoço de não sei quem; depois dizia que só podiam não sei quantos estacionamentos; depois dizia que não podia não sei quantos, não sei o que... Enfim, coisas menores...

SH – Desligavam o elevador na hora dele chegar.

RM – E a luz na hora dele sair também.

SH – Dizendo que estava enguiçado para ele descer... Porque nós, em casa, não sentíamos tanta doença assim, mas eles lá viam mais. É a tal história: você passa mais tempo no trabalho do que em casa.

VH – Enfim, foi assim como se fosse um cerco se fechando de coisas absolutamente concretas e que iam atrapalhando. Até que chegou a coisas maiores, tipo tirar divisão, tipo deixar restrito só ao próprio laboratório. Enfim foi num crescendo. Aí foi ao contrário: eu tenho a impressão que ele passou na frente em termos de consciência do todo em relação aos outros pesquisadores de Manguinhos porque ele tinha sofrido na pele muito mais duramente, muito mais acirradamente, até aquela data, do que os outros.

PG – E alguns referem, inclusive, que estavam esperando uma ação mais incisiva; e que, pelo menos durante um certo período que vai pelo menos até quase 1970, eles tinham sentido ainda poucas restrições e parecia que o ritmo de trabalho continuaria.

SH – Como tem censura depois trabalhavam muito menos. De modo que também as restrições eram menos sofridas, eram menos sentidas, porque os *fronts* eram muito menores.

PG – Havia um investimento menor...

SH – A estrela a ser realmente atingida ali era ele. O Rocha Lagoa não perdoa, inclusive a quem trabalha, porque chama atenção sobre os que não trabalham. Porque eu acho que ninguém trabalhava ali como ele. Nem próximo.

PG – Ele fazia alguma apreciação sobre o valor científico e o trabalho mesmo dentro de Manguinhos dos outros cientistas em torno? Ele tinha alguma predileção?

SH – Sim. Ele tinha. O Haity. Eu acho que o Haity era um dos primeiros.

VH – É. Tinha pessoas que ele prezava, digamos de ombro a ombro. Quer dizer, ele respeitava completamente o trabalho e o investimento. Outros, não é propriamente que ele não prezasse o trabalho, só que ele ficava nessa cobrança, nessa coisa até maníaca da dedicação total, absoluta, exclusiva e tal. Quer dizer, as pessoas tinham outras opções de vida; tinham compromissos complementares que ele não entendia. Isso era coisa que ele não entendia. Quer dizer, discutir tempo integral com ele... Hoje em dia é uma coisa que a gente está falando na reforma. Tempo integral é uma frase que eu ouço desde que estava no berço. Era uma coisa medular. Não se discute tempo integral. Quer dizer, tempo integral é uma coisa óbvia. Sem isso não se discute o resto. E, evidentemente, não era assim que funcionava em Manguinhos. Como não é na maioria dos lugares até hoje. E ele não entendia que pudesse ser de outra maneira. Então ele tinha apreciação científica enquanto qualidade do trabalho científico por grupo, apreciação científica enquanto a cabeça e o investimento potencial que faziam. Agora, ele cobrava muito das pessoas esse empenho maior e essa dedicação mais total.

SH – Ele cobrava também dos que chamava "os colecionadores de borboleta". Tinha uma série de restrições as pessoas que seriam capazes de muito mais, e se satisfaziam no que ele chamava de colecionar *(inaudível)*; indispensável aos taxonomistas, aquela coisa toda. Ma ele sempre teve...

PG – Mas isso estava de alguma forma ligado à idéia de dar à pesquisa uma relevância social? Porque havia uma discussão muito grande, que perpassa Manguinhos desde talvez a década de 1930, dessa relação entre pesquisa básica e pesquisa básica mais aplicada, mais relevante, menos relevante para a saúde pública. Ele tinha algum posicionamento claro sobre isso?

SH – Ele tinha. Ele achava que tinha que se investir em pesquisa básica. E sempre foi a luta, aqui, minha com ele, porque eu era sanitarista. Essa parte toda de investimento em tecnologia vai para outro lado. Manguinhos teria que ser exclusivamente pesquisa básica. Pesquisa aplicada, vacinas, isso não... Eu dizia para ele: "Seu pai foi um sanitarista". Ele dizia: "Não, absolutamente. Meu pai fez um instituto de pesquisa e lá tem que se fazer a

pesquisa básica". Ele não se conformava e não gostaria muito de ver essa FIOCRUZ como lá é hoje não. Não gostaria não. Porque essa mistura assim... Mesmo a parte de universitária depois ele cedeu, porque ele fazia a universitária dele, não como era aqui... Ele tinha muitas restrições a fazer.

PG – Interessante é que tem um lado... Em relação à pesquisa básica, esse conjunto que está trabalhando a idéia do Ministério da Ciência tinha muito essa visão, não é? Agora, dentro de pesquisa básica também, às vezes, há um pouco a coisa que alguém já se referiu e como Samuel Pessoa falava: tem bicho bom e bicho besta. Bicho bom era aquele que tinha a ver com problema da saúde pública. Então, você tinha que estudar os bichos bons. E bicho besta era um detalhe na taxonomia. Um detalhe a mais, mas que não tinha relação... Porque ele trabalhava com ancilostomose, com anemia... Ele tinha alguma preocupação desse vínculo? Com a pesquisa básica, mas de alguma forma referida a um parâmetro de problemas de saúde pública?

VH – Não era de saúde pública, era de avanço tecnológico. Quer dizer, teve todo esse caminhar da saúde pública. É muito difícil a gente hoje em dia resumir a essas tais pesquisas básicas e pesquisas aplicadas porque a realidade naquela época era outra. Então, por exemplo: os "colecionadores de borboleta", como ele chamava, nem incluía em pesquisa nenhuma. Ele achava que aquilo era uma coisa tipo assim: como tem senhoras que fazem tricô, tem homens que colecionam borboleta. Quer dizer, ele não reconhecia o menor mérito científico nisso. Era uma atividade cultural, de lazer, de qualquer coisa. Mas ele não entendia aquilo como pesquisa. Quer dizer, o problema sim era uma pesquisa direcionada ou era uma pesquisa que ele chamava "ao azar". E aí, ele dizia o seguinte: "Pesquisa direcionada não é pesquisa." Porque na época não era como hoje que quando a gente fala de pesquisa direcionada, a gente fala de uma pesquisa com conteúdo político em termos de uma visão de país, mas que a metodologia da pesquisa não tem nada de direcionada. A metodologia de uma pesquisa aplicada é absolutamente pura no seu método. É apenas com intuito de solução de um problema do país. Não era isso que se fazia antigamente. Inclusive estava muito vinculado à fonte de financiamento. A pesquisa aplicada, na verdade, em vez de se propor a ser uma pesquisa de cunho político para solução de problemas nacionais, era pesquisa subvencionada por fora, direcionada na sua metodologia para alcançar determinados objetivos. Era outro enfoque; não é o que a gente discute hoje. Por isso eu entendo a rigidez dele. É como você estava de uma certa forma questionando: o sujeito que vai tirar sangue de trabalhador das usinas do Nordeste para cuidar de anemia ancilostomótica e que não deixa dar esmola para crianças em Recife não combina com essa rigidez que parece um certo desligamento. Mas não é. E aí, o grande divisor de águas, como eu te contei, foi aquele dia em 1959 quando a União Soviética lança o Sputnik. Aquele tipo que pirou... Realmente, eu acho que ele nunca imaginou. Ele era um fã de Julio Verne, fã inveterado. Fazia a gente ler Julio Verne mesmo sem querer. Ele nunca imaginou que, na época dele, fosse transcender a tal da barreira do espaço. Quando aquele bendito Sputnik – foi um sábado... Quando aquele bendito Sputnik subiu, essa casa aqui virou um pandemônio porque a gente tinha que aprender tudo no mesmo dia, saber tudo no mesmo dia. E só se falava disso porque começava a guerra fria, começava enfim a disputa de poder em termos da tecnologia. Era todo um outro mundo que estava nascendo e ele começou com essa história. Foi aí que ele se enterrou, realmente, na pesquisa mais básica. Ele entendia que essa era uma questão de soberania nacional. Hoje, quando a gente fala de incentivar Bio-Manguinhos e Far-Manguinhos na produção de insumos básicos, acredito até que se ele fosse vivo e em boa saúde mental, ele estivesse até batendo palmas. Mas era muito nesse sentido de que não

adiantava nada você produzir umas vacininhas e colecionar borboleta, quando no cerne da questão você continuaria sempre a reboque de alguma outra coisa.

PG –Em outro contexto as coisas mudam, tem outro significado. Mas você me lembrou de uma coisa: em 1944, 1945, a grande novidade em que o Instituto está envolvido também é a produção de penicilina. Era a grande novidade da época. Depois tenta se aplicar ao tratamento da bouba e dá certo. Nós encontramos, inclusive, algumas matérias meio novelescas de Jean Mason e David Nasser falando daquela coisa do instituto envolvido na pesquisa, e a cura milagrosa. Inclusive tem uma figura de época interessantíssima: a mulher quase à morte, depois tem toda uma seqüência de Manguinhos trabalhando, ela recebe injeção e depois ela aparece na praia. *(risos)* Mas é uma área dessas, uma área de produção ligada ao esforço de guerra, e ligada à idéia de uma auto-suficiência nacional de produção de medicamentos. Vocês lembram dele ter comentado alguma coisa a respeito? Esse período marcou ou não marcou?

SH – Não. Acho que inclusive esse período a gente estava muito fora. Ele viajou muito nesse período.

VH – Mas dentro da visão que a gente tem dele não acredito que fosse achar isso muito importante não.

SH – Não, ele não achava. Eu não quero ficar batendo na mesma tecla: para ele não tinha muita importância. Sairia de Manguinhos, essa parte. Seria outra coisa, não seria mais Manguinhos.

VH – Isso a parte da preservação da idéia de Manguinhos enquanto instituição de pesquisa. Mas mesmo em termos globais ele achava que isso aí eram coisas assim... Agora eu estou aproveitando a sua deixa... Acho engraçado que o papai vivia dizendo coisas da revista O Cruzeiro.

SH – Ele escreveu no Cruzeiro anos e anos a fio.

VH – Sim, mas não é nisso que eu estou falando, mãe.

PG – Ele escrevia o que no Cruzeiro?

VH – Xadrez. Besteira. Mas estou dizendo que ele falava “O Cruzeiro”, como hoje a gente diz “Rede Globo”. Na época, dizia: “Coisas de O Cruzeiro”. Por exemplo: tudo que era menor ele dizia: “Isso, para mim, passa por falta-ou-teste”, que era uma coluna que tinha no Cruzeiro. Então, para diminuir ele dizia sempre que era “coisa de O Cruzeiro”. Então ele consideraria, se eu não me engano muito, isso coisa de O Cruzeiro, para fazer reportagem de O Cruzeiro. Porque, na verdade, a gente não tinha descoberto penicilina nenhuma; a gente não tinha descoberto como fazer vacina nenhuma. Na verdade, a gente estava usando mão de obra barata para fazer penicilina, não só para gente como para outros fins. E ele não via nisso o caminho.

PG – Tem uma coisa que é um pouco delicada, mas como a gente está falando da apreciação dele sobre o trabalho de outros cientistas... Há uma notícia que eu não tenho confirmação de que ao assumir a Divisão de Patologia, ele, de certa forma, marginaliza ou não dá espaço para o Magarinos Torres?

SH – Eu hoje digo assim: "Se fizessem comigo o que ele fazia com Magarinos, eu estava mal." *(risos)*. É a tal história... O Magarinos não queria o lugar, não ficaria no lugar fazendo a parte dele. Queria continuar mandando, aquela coisa toda. E ele não se conformava porque as idéias do Magarinos eram umas idéias... Eu imagino assim, porque estou lá trabalhando, os novos vêm com as idéias e a gente entra na idéia dos novos e vai se atualizando. E com Magarinos era às avessas. O Magarinos era um entrave. Tinha que ser como ele pensava e tal. Eu fui muito contra. Ele fez... É uma parte desagradável realmente, mas ele fazia aquilo porque atrapalhava a vida dele completamente.

VH – Isso era bem dele. Isso era bem dele. Então você ou é do meu time ou não é do meu time. Passa muito por uma coisa assim do chamado 'Centralismo Autoritário' ou 'Autoritarismo Democrático', o nome que você quiser dar, enfim. Quer dizer, se eu estou com a idéia certa porque a razão me perpassa pela história ou você é do meu time ou você não é do meu time. Eu nunca acompanhei de perto, nem sabia, mas a sensação que dá é o seguinte: ele devia achar que o Torres fazia parte da Escola das coisas que ficavam de enfeite em Manguinhos.

SH – ...que deviam desaparecer. Quer dizer, era preciso mudar! E a permanência... Eu falava: "Deixa o homem se divertir, deixa o homem lá", "Não, porque ele atrapalha." Ele lutou, lutou realmente. Agora, até quando realmente o Magarinos... Eu hoje me vejo na situação... Eu comentei isso no serviço há uns dias atrás, sem citar o nome. Porque quando começa assim: "A senhora não é velha. Se a senhora for cassada - estávamos vendo as demissões ontem mesmo - a senhora monta não sei o que de velhos." Eu digo: "Ah gente! Vocês são loucos! Eu vou fazer um negócio para moços. Eu vou morrer, não vou fazer negócio com velho", "Olha, se perseguirem velho..." E entrei nesse sistema aí. "Ah, mas a senhora não fica parada, a senhora entra na dos moços" E isso é o que eu acho que o Magarinos não ia. Magarinos emperrou naquela coisa antiga, atrapalhava...

PG – Magarinos mantinha uma visão tradicional do trabalho de Patologia?

SH – Patologia. Segundo ele, não era uma pessoa de muita expressão. Ele era horrível! Ele era de uma rigidez total para avalizar as pessoas assim.

PG – Como se expressou esse conflito com Magarinos?

SH – Em casa ele tinha acessos. Porque lá ele encontrou toda resistência. Lógico, sempre encontrou resistência. E vinha para casa de mau humor e tremendo. Eu disfarçadamente, não só por achar de todo, realmente, como porque eu sabia que tinha que conviver com aquilo lá, tentava arrumar de modo que ele aceitasse o que estava se passando. Foi uma época conflituosa...

VH – Eu assisti uma cena vez, uma vez. Eu não tinha a menor idéia de que criatura era aquela. Era nível técnico, quer dizer, não era nenhum servente, não era nada disso. Era um nível técnico. Ele não sabia nada lidar com essas coisas institucionais que perpassam até hoje. Então hoje a gente vê muitas vezes a instituição, até quando muda uma administração, uma certa tendência de acomodar, de respeitar os espaços, de mesmo sabendo que aquela pessoa não está rendendo o que deveria a gente procura acomodar. Isso era coisa que ele não entendia. Assim como, a história de que não era tempo integral, não entendia. Então eu me lembro que a primeira providência, a primeira luta foi a história

do tempo integral; da cobrança do horário e do tempo integral. Via na ficha das pessoas qual era o horário que elas iam cumprir, chamava e cobrava. Eu me lembro que era uma moça - devia ser moça, mas eu achava que era muito senhora - veio conversar com ele nos mesmos moldes que a gente assiste a tantas mil conversas nas instituições até hoje. Imagino que tentando argumentar alguma coisa em relação a horário ou em relação à possibilidade de compatibilizar horário, enfim, alguma coisa nesse sentido. E ele foi de uma rispidez e de uma rigidez incrível com a criatura. Porque não tinha esse negócio! Eu fico imaginando... Não me lembro de detalhes da conversa, mas eu fico transpondo para hoje. Por exemplo, se a criatura tivesse filhos ou precisasse fazer um horário partido ou tivesse que se ausentar uma hora mais cedo...

PG – Nem pensar!

VH –Ele era tão rígido que suponho que o discurso ia ser esse: "Minha senhora, a senhora tem que optar se a senhora quer ser cientista ou dona de casa. Se a senhora quiser ser dona de casa, a senhora vai ser dona de casa". Era alguma coisa desse tipo. Não ia ser nada mais ameno do que isso não. Quer dizer, ele achava que era uma coisa aviltante uma pessoa que estava numa instituição pública, sendo paga para pesquisar, viesse ponderar a respeito de que tinha coisas pessoais a resolver e estavam interferindo com o horário. Quer dizer, isso era coisa literalmente inconcebível. Mas também, cá entre nós, um pouco fora da realidade. Quer dizer, ele podia fazer isso enquanto aquele carisma dele, enquanto a sua escola ligada diretamente.... Mas não conseguiu!

SH – Na Escola era de uma rigidez que o deixou em situações horríveis. Chegava para a pessoa e dizia: "Não, você desculpe, você não dá"

PG - Na escola? Você está se referindo...

SH - À formação dos alunos; quando ele escolhia; que tentavam fazer lá. Eu tive gente boa e gente de nome hoje em dia que ele dizia: "Não, você para a pesquisa não dá, lamento muito." Gente com quem eu vim a trabalhar e tudo. E diziam para mim: "Você sabe que seu marido diz que eu não dava para pesquisa, que eu sou um zero."

VH – São situações horrorosas. Teve crise de choro, aqui nessa casa, à vontade de pessoas que queriam entrar para o monastério, queriam ficar tempo integral, e ele com aquela calma dizia assim: "Mas você não dá. Não faz seu gênero, entendeu? Você quer perder seu tempo e sua vida, porquê? Você vai ser um cientista medíocre. Você não vai render nada. Você vai fazer isso porquê? Se você pode ser um excelente médico." Ele tinha até a preocupação do pessoal dentro da rigidez absoluta.

PG – E isso está associado aquele famoso método dele de selecionar pessoas?

SH – Ele selecionava. Ele fez uma coleção enorme daquelas caricaturas daquela revista New Yorker, não é, que eram todas interpretativas. Ele fez aquilo não sei quantas... cento e tantas figuras, não foi?

VH – Muitas.

SH – Mais. Tem aí o livro com as notas. Quando os meninos vinham, ele botava ali. Se sabia inglês muito bem, se não sabia ele traduzia. Ele dava um tempo determinado... Ele

tinha um caderno enorme onde marcava o tempo para cada pergunta que o indivíduo levava e a interpretação. Só botava certo ou errado. Aí são os iluminados, Leopoldo... essa gente toda. E ele achava maravilhoso. Chegava aqui e ficava entusiasmado: "Imagina, olha!" E as meninas... Aí ele dizia: "Vou medir vocês." Umas tinham medo, outras queriam não fazer. Mas era uma coisa maravilhosa realmente. Era tudo de interpretação.

VH – Todo mundo trabalhava, todo mundo recebia para ser porteiro, para verificar segurança do teste. Todo mundo aqui participava.

PG – Segurança do teste?

VH – Segurança do teste. Porque ele fazia esse teste na varanda, ali, com a porta fechada. Então alguém tinha que fazer sala aos que estavam esperando, não só para garantir que as coisas que estavam sendo faladas lá dentro não se ouvissem aqui fora, como para não deixar as pessoas olharem. Então ficávamos nós, o sábado inteirinho de castigo, conversando com gente que nunca tínhamos visto na vida. Se de lá de dentro gritavam, a gente tinha que gritar também que era para a coisa se compatibilizar. Era uma verdadeira cena! *(rindo)* Tinha até uma primeira fase e uma segunda fase. Ele jamais soube disso: claro que havia todo tipo de corrupção e subversão. *(risos)* Porque, é claro, que a gente já decorava todas as respostas dos testes. A aquele que achávamos que era socialmente justo porque já estava muito bem encaminhado, volta e meia dávamos umas colinhas... na 109. *(risos)* E a gente contava o que era a leitura da 109. Ele que nunca desconfiasse disso!

SH –Era assim, por exemplo, tinha um muro que estava sendo construído com uns tijolinhos, e o pedreiro que estava tomando seu lanche; e tinha a garrafa de leite. Então a garrafa de leite estava assim inclinada - o nível do leite. O pedreiro estava regalado. Esse era o nível. Por exemplo, era para o estudante verificar o que havia ali, o que estava acontecendo...

VH – Era tudo de observação. Ele tinha fotografias. Tinha seqüência de fotografias, e ele dizia assim: "Escuta, você sabe onde é isso?" Isso era assim uma coisa bem típica. Por exemplo: "Você sabe onde é isso?" "Sei. É Paris". "Você sabe onde fica Paris?" "Sei". "Sabe onde fica Paris. Então você me diz se essa fotografia foi tirada no verão, no outono, no inverno ou na primavera?" E era óbvio porque estava cheio de castanheiras, sabe? Aqueles negócios assim, quer dizer não tinha muito por onde errar...

SH – E tem sombras também!

VH – Não, as sombras já era outro. Era pura observação, quer dizer, não requeria nenhum currículo oculto para passar.

RM – A Mécia me disse como foi a seleção dela. Ela lembra de um outro cartoon. O primeiro do teste era um que tinha um sujeito indo comprar uma muda numa loja de planta. Ele compra uma mudinha e também compra uma vara daquelas que tem uma lata na ponta para colher a fruta, e diz que ela olha, olha: "Pô, que otimismo, hein?" Aí, diz ela, que ele achou aquilo o máximo. "É isso mesmo, eu quero que você olhe e me dê a sua interpretação."

PG – Agora, o que é interessante é que o *New Yorker* é uma espécie assim de humor refinado americano, inclusive é tido como um pouco elitizado.

VH – Bastante

PG – Os americanos consideram elitizado. Ele utilizava isso aí para...

VH – Exatamente porque ele achava... E ele não fazia comentários nesse sentido.

SH – Depois, no fim, só pegava estudante no primeiro ano. Só admitia gente no primeiro ano. Antes que tivessem amassado a máquina de pensar deles, como dizia. Porque já vem amassado de antes. Ele pegava ali. E a parte prática era simplesmente: "Você sabe como funciona uma geladeira? Você sabe como funciona um ferro elétrico?"

VH – Não, não era assim não. Aí era ridículo. Porque dentro da formação que a gente tem, naquele teste eu não passava nunca. Acho que nem hoje! Ele chegava, trazia a pessoa para dentro do laboratório: "Você conhece o que é isso aqui?" Então, de repente, era uma centrífuga. A criatura não tinha obrigação... Aí até ele explicava o que era: "Isso é uma centrífuga. Eu queria que você ligasse ela para mim." Então...

RM – Vocês iam com ele para esses testes?

VH – De vez em quando. "Eu só queria que você ligasse para mim." Então é claro, os indivíduos naquela tensão, porque ele tinha assim todo aquele negócio meio carismático, meio coisa e tal... As pobres criaturas, verdes! Todo mundo tremendo. Manda ligar a centrífuga, o que as pessoas fazem? Começam a mexer naqueles botões, iguais a uns alucinados.

PG – E a tomada?

VH – De fato, ele tinha desligado da tomada. *(risos)* Quer dizer, isso aí era sempre! Isso ficou até conhecido que não erravam um que fosse esse... Sabe, as coisas mais primárias do mundo, entende: "A saída? Onde está a saída?" Era sempre no óbvio. Ele não estava nem preocupado se o cara tinha experiência de laboratório ou sabia não sei o que. Nada, nada. Era só se ele tinha cabeça, se ele sabia pensar.

PG – Se ele sabia organizar as alternativas.

VH – Organizar o pensamento. Enfim, se ele tinha um mínimo de senso prático. Se ele ia sair quebrando as coisas todas.

SH – Coitados, eles saíam daqui e os que tinham determinada nota ele dizia: "Telefone depois". "Ah, o que eu devo estudar?" "Nada, nada, não estude nada".

VH – "Vá pra praia". Ele sempre dizia: "Vá pra praia." "Não, mas eu não tenho assim que dar uma lidinha?", "Não, meu filho. Eu quero que você vá a praia, que você durma bem, e segunda-feira eu lhe aguardo lá no laboratório". Isso tudo é um nível de tensão, principalmente pelo desconhecido. Porque, realmente, se hoje em dia já seria inovador, imagine naquela época. Você fazer um concurso para um negócio que era extremamente seletivo com uma porção de piadinha. Inclusive tinha gente que dizia besteira, mas não

dizia besteira de interpretação não, dizia besteira de tensão, de besteira, mas besteira mesmo. Claro, o nível de tensão era tamanho... porque de repente aquilo não tinha nada a ver. Eu me lembro de uma que bagunçava todo mundo... Era capa de um *New Yorker*, não era piada nenhuma, era capa de *New Yorker*. Um casebre, assim como se fosse uma favela americana. Melhorzinha do que a nossa, mas favela. E tinha umas cordas de roupa que tinham roupa pendurada. Não tinha nada a ver aquilo, ali, nada. Ele dizia assim: "Eu queria que você me desse a sua opinião a respeito de quantas pessoas moram nesta casa?" *(risos)* Quer dizer, era de matar! As criaturas ficavam alucinadas e tal. E tinham sempre aqueles que saíam de vez, que eram de turma, de curso, às vezes de formação, aqueles que tem necessidade de se afirmar e de aparecer. Às vezes saíam coisas rebuscadíssimas, explicações estratosféricas para o óbvio, e ele não franzia um músculo. Ninguém sabia se tinha ido mal, se tinha ido bem... Porque ele não dizia nem sim nem não, nem talvez, nem dia, nem ia, nem não ia, nem nada.

PG – Ele se divertia, não é? E depois ele comentava? As pessoas saíam e ele se divertia? Como era isso?

VH – Tudo. Tudo. Tudo. Fazia críticas ao sistema educacional...

SH – É, mas era mantido em segredo.

VH – A gente não sabia quem, ele contava o quê, mas a gente não sabia quem.

SH – Depois, pelos que vinham, pelos que eram selecionados pra ir lá, a gente sabia mais ou menos...

VH – A gente ficava brincando de adivinhar. Pelo que ele falou, será que foi fulano e tal, não sei o que. O sigilo era absoluto...

PG – Sílvia, a gente não tem nada desse material...

SH – Não, eu tenho aí.

VH – Cadê o livro?

SH – Roubaram. Alguém ficou com esse livro. Porque eu descobri que eu tinha aqui... Eu tenho o caderno com os nomes das pessoas e as notas. Isso eu fiquei sabendo depois porque eu tenho aquilo tudo: os que foram admitidos, as pessoas e tal. Mas o livro eu nunca achei. Nunca achei. Não sei se ficou em Manguinhos. Eu não sei se na hora que ficou lá trancado alguém teve acesso à coisa lá. Esse eu não achei.

VH – Não mãe, esse livro andou aqui.

SH – Mas o livro que eu pensei que fosse, que estava logo aqui, é o livro das notas...

Fita 3 – Lado B

SH – Da rigidez total, dos cerceamentos... porque era cerceado. A Vera não podia ir a lugar nenhum que era para ficar bem enjoada, que era para não parar de ler.

PG – Ah é, não é?

VH – É o que eu digo dos extremos... Uma das coisas que ele criticava... não, mentira, isso sou eu que crítico. Eu estou botando coisa demais aí. Eu acho que era por aí que, talvez, ele criticasse o Partido aqui...

PG – Só um parênteses, rapidinho, que eu quero perguntar antes. Nesse período dos cassados, quando ele começa a ser perseguido nas coisas menores, existe alguma reunião desse grupo aqui na casa?

SH – Aqui em casa? Não.

VH – Com o grupo não. Mas ele recebeu muito apoio, sempre, de todos. Fosse pelo telefone, fosse lá.

PG – É isso que eu queria saber. Como se manifestava isso?

VH – Ele falava muito no telefone. Nos fins de semana, inclusive, se comunicava com o pessoal de Manguinhos, assim até coisas de política institucional e tudo. O que eles não se viam fisicamente, eles falavam muito no telefone. E ele vivia recebendo apoio, fosse por telefone, fosse por encontros lá que ele relatava, visitas lá. Quer dizer, ele foi procurado, ele foi apoiado, ele recebeu todo tipo de apoio. Inclusive, na época, o Partido, de todas as formas, oferecia apoio em termos de divulgar e de procurar bases de apoio.

PG – Através de quem?

VH – Do Haity...

SH – O Haity era o meu ponto de contato e o Acioly.

VH – Não. Como era aquele outro? Lá em Manguinhos tinha mais gente. Quem dava apoio a ele era Haity, Lent... Tinha aquele outro que era do Partido propriamente. Como é o nome dele?

SH – Desses cassados aí?

VH – Esses. Agora estava lá...

PG – Perissé?

SH – Perissé é o baixinho, mais redondinho? É, mas tem um outro. Oh, meu Deus!

RM – Tinha um japonês...

SH – O Gotto. O Gotto também.

PG – O Gotto?

VH – Ele tinha o maior respeito pelo Gotto. Não sei se entrava orientalidade na história ou não. Eu sei que ele tinha o maior respeito pelo Gotto; se dava muito com o Gotto.

PG – Quer dizer que o Partido acompanhou de perto esse processo e manifestou solidariedade?

VH – Sem dúvida. Moralmente, ele foi apoiado durante todo esse percurso. Sim, mas eu estava falando da história da rigidez... Algumas críticas que se fazem aos PCs são da rigidez, do não acompanhar a história do caminho das evoluções, etc. e tal. Aqui, era exatamente ao contrário. Acho que não havia PC que fosse mais rígido. Quer dizer, de repente acho até que ele criticava isso. Talvez ele achasse as coisas em termos nacionais, aqui, frouxas, pouco organizadas, pouco efetivas.

PG – Ele seria mais stalinista ainda?

VH – Ah, sem dúvida. Sem dúvida. Porque nada, nada era permitido.

RM – Você não podia sair?

VH – Não, não podia nada! Eram os métodos educacionais... os métodos educacionais.

PG – Isso eu queria ver também. Nessa coisa o que marca sempre é uma dicotomia. Porque, de certa forma, de uma maneira filosófica, ele se colocava como uma pessoa de costumes mais livres. No entanto, quanto à educação familiar, pelo que vocês falam, era de uma rigidez muito grande, não?

VH – Sim e não. Quer dizer, era rígido sim. Era muito mais rígido no método do que propriamente no conceito. Mas era a história do método. Por exemplo, as escolas educacionais modernas teriam faniquitos da maneira como se motiva uma criança a ler. Hoje em dia é a coisa lúdica, que você deixa o mais aberta possível. Você estimula a criatividade. Não. Aqui era o seguinte: não vai a festas, não vai ao cinema, não namora, não isso, não aquilo.

SH – Televisão nessa casa só entrou quando ela tinha quase 15 anos.

VH – Não se compra televisão, não se deixa ouvir rádio – se ouvia rádio escondido no quarto da empregada. Porquê? Porque se não tivesse literalmente nada que fazer, vai ficar tão chateado, tão de saco cheio, que não tem literalmente nada a fazer a não ser ler.*(risos)* Por exemplo, quando começavam discussões a respeito de anti-semitismo, a respeito de nazismo, etc., ele dizia assim: “Olha, eu não tenho nenhuma apreciação pelos métodos financeiros dos judeus. Eu acho isso um verdadeiro pavor. Mas eu respeito a civilização judaica acima de qualquer coisa porque que outra civilização vocês conhecem que há quatro mil ano atrás, pegava os papiros, lambuzava com mel e dava para as crianças lamberem? É por isso que você vai a um colégio de classe média e você não encontra um judeu reprovado. É toda uma cultura de quatro mil anos que tem que repassar.” Ele era absolutamente pavloviano. Ele acreditava que você condicionava, e que você facilitava...

PG – No gostinho de mel...

VH – No mel. Então passa papiro no mel. Se não tem mel para passar no papiro, não deixa ninguém fazer nada. Fica trancafiado na solitária durante três meses de férias. Se não lê, morre.

RM – Isso criança e adolescente?

VH – Não tem muita diferença não.

PG – Sílvia, acho que a gente está parando agora mesmo. Outro dia a gente retorna. Eu só queria uma coisa no final. Passado esse período, principalmente depois da morte, existem algumas homenagens. Você acha que essa posteridade reconheceu Walter como ele esperava? Ou seja, no valor científico. Como foi a leitura da posteridade sobre o Walter? Você que acompanha todo esse período, diz que há uma série de artigos, pessoas se manifestam...

SH – Mas eu acho que depois silêncio que houve... A sensação que eu tenho é de geladeira. A sensação que eu tenho agora é exatamente essa... como se estivesse remexendo. Porque uma tristeza muito grande que eu senti *(inaudível)* Houve quase que uma acomodação, e, inclusive, mesmo do pessoal todo cassado que fez a sua vida para cada lado. E eu não via... Agora é que a gente está sentindo a luz acender.

VH – Mas qual seria a expectativa? Como poderia ser diferente? Quer dizer, quem poderia não se manter na geladeira? Quer dizer, foi um período de geladeira para todos.

SH – Não, a única coisa que houve nesse tempo todo, que eu digo sempre, foi Alex que escreveu um livro e dedicou a ele. O livro de Hematologia de Alex Pacheco de Oliveira foi dedicado a ele.

PG – E o Marinho?

SH – O Marinho conseguiu um prêmio com o nome dele e inaugurou o retrato dele que estava lá. Não sei se quando Marinho saiu, se levou o retrato. E da Argentina me mandaram pedir algumas fotografias. Eu sei que Marinho é que teve mais esse contato.

VH – Eu discordo dessa visão completamente. Veja bem, a Escola não se manteve enquanto escola, portanto não havia um núcleo que perpetuasse nem o trabalho como uma coisa única, nem mesmo as pessoas reunidas que pudessem, enfim, manter uma coisa viva. Então foi destroçado. Cada um teve que ir para um canto. Agora, teve o livro do Alex. O Marinho não foi só isso não... O Marinho, em plena ditadura, instituiu um prêmio com o nome dele.

SH – Mas foi isso que eu disse.

VH – Não. Você falou do retrato. Um prêmio anual com o nome dele. Instalou o retrato. Todos os discípulos que realmente foram discípulos dele, não se furtam de mencioná-lo seja no que for. Então, é discurso de posse de não sei quem, aparece o nome dele. O Leopoldo assumindo a cátedra, não, a cátedra não, a chefia de departamento na UFRJ; dá entrevista no jornal, vem o nome dele como formador, etc. Eu acho até que para as circunstâncias, e pelo fato de não ter havido aquela coisa de estar... Por exemplo, se você é cassado, tem toda uma história da negação política.

PG – Acho que aí é que eu ia pegar. Só hoje o grupo, não só o grupo, mas o evento da cassação passa a estar associado a um resgate da memória de Walter, entende? Então acho

que é a isso também que Sílvia se refere. Nessa trajetória de recomposição, ele que foi o primeiro a ser mais perseguido, que tinha mais evidência na época... no resgate, essa coisa não foi associada desde o início. Em 1979 há o primeiro ato de um certo apoio e desagravo aos cassados na Escola. E 1979 era um período meio indefinido. Nessa época, existe alguma manifestação sobre o Walter?

VH – Não.

PG – Não, não é?

VH – Não. Mas isto tem que ter visto dentro do enfoque certo. Em 1979 se faz manifestação aos cassados como um ato político. Agora está se tendo até o tempo, a tranqüilidade e o espaço para se ir mais fundo, e fazer toda essa vinculação que, evidentemente existe, do político com a situação dele. Porém, durante um tempo, não houve nada, e depois de 1979 até agora houve, digamos assim, situações de impacto público, de coisas óbvias. Então se o indivíduo foi cassado e teve que se auto-exilar é uma coisa de fácil compreensão. Você vê quanto tempo a gente está levando para destrinchar os reais meandros do que tem por baixo. Quer dizer, em termos de história, eu tenho impressão que não teria como ter sido antes. Eu acho que é um passo mesmo. Ela me passou, por isso que eu discordo, uma coisa de um certo desleixo. Eu não sei se isso foi propriamente intencional; pode até ter sido em algum momento por alguém, que eu não sei quem, nem como, nem quando, mas enfim. A sensação que me dá é que tudo tem o seu tempo. É como a história mesmo: a gente só vem a descobrir, às vezes, coisas que são determinantes de outras e que são precursoras de outras, à medida que vai podendo se aprofundar. Não é uma coisa óbvia. Se você chegar ali na esquina e contar pro jornaleiro: "Olha, teve um moço que era médico; ele tinha um trabalho em 1964 e começaram a complicar a vida dele no trabalho de tudo que é jeito; ele ficou muito desgostoso, teve um enfarte e morreu" Então, se você for contar a história para uma criança, é isso que você vai contar. E isso não tem nenhum impacto político de imediato, não tem um marco, não tem um fato, não tem uma coisa de choque, que te dê automaticamente a conotação. E até é preciso conhecer um pouco da história da instituição, do momento, do próprio setor, enfim, de tudo isso, para você poder encaixar isso como um todo. Eu acho que é fundamental esse resgate que se está fazendo, mas eu não creio que a gente deva achar assim: "Poxa, por que não se falou de Walter Oswaldo Cruz antes?"

SH – Não, eu não estou... Você disse que ele era apolítico e tem razão. Ele me perguntou uma vez, foi feito política... Ele me perguntou uma vez certas coisas, ligações com os PCs, que o pessoal todo hoje nega. Hoje eles estão achando mais importante ter sido cientista cassado do que político perseguido. Talvez em 1979 o enfoque fosse esse. Não era o caso do Walter, porque o Walter diferia deles porque ele era muito mais pesquisador do que os outros.

PG – De certa forma eles assumem mais, essa identidade que era do Walter...

VH – Porque é outro enfoque, é outro pano de fundo, é outro momento.

SH – Mas então: em 1979, o que ele perguntou, não teve. Porque teve aquele outro aspecto porque eles eram os políticos cassados, o que era bonito... Agora que está se dando importância à parte científica, á parte de pesquisador e tudo, estão achando mais bonito e estão se associando. Por isso está chegando a vez dele, que era o real pesquisador. Foi

aquele que sofreu na sua carreira propriamente dita porque arrebentou com seus ideais, a sua produção e tudo. E hoje eles estão se associando, e desse grupo realmente... Nada mais merecido do que isso que está acontecendo, porque ele foi realmente o mais perseguido de todos, não tendo saído daqui, não tendo não sei o quê. Mas ele foi perseguido, porque foi perseguido no seu trabalho, na sua produção.

PG – E a perseguição política, no caso dele, se dirige muito em função da atividade científica.

SH – Exatamente.

PG – Enquanto que nos outros está associada também, mas existia uma outra coisa, que passava...

VH – Você quer ver porque é o momento certo? Porque um dia, daqui a muito tempo, quando realmente se fizer a revisão de tudo isso, vai se chegar ao que eu entendo fosse o grande objetivo dele. No fundo, passadas todas as coisas, pessoas, coisas de menor importância e a coisa só aflorando, que é a meu ver... O que está aflorando, até por isso é que ela está dizendo, é a função política, bastante importante, bastante determinante da pesquisa.

PG – Da pesquisa.

VH – Agora, isso tem nuances e tem épocas e tem idas e voltas. Tudo isso vai vindo... Quer dizer, é aquilo que foi tão bem dito naquela cerimônia: "Por que ameaça tanto? Por que ameaça tanto?" Por que perseguir pessoas que não estavam tirando lucro de ninguém, que não estavam agitando nas ruas? Por que ameaça tanto? Por que Galileu ameaçava tanto? Por que o dito Massacre de Manguinhos... Aí sim, eu acho que quando se fala do Massacre de Manguinhos, a partir do momento em que a gente fizer esse resgate, não se pode deixar ele de fora porque é o começo, a primeira coisa que eclode de um grande processo. Então, por que ameaça tanto? Quem tinha razão? É para a gente fazer a análise depois historicamente. Quem tinha razão? Era o Perissé que se organizava organicamente? Era ele que se dizia apolítico, em nome de preservar até a ação política maior, de longo curso? Somos nós, hoje, que defendemos a pesquisa sim, mas de uma forma mais aplicada em termos de uma necessidade nacional óbvia juntando a soberania compremente com... Isso era importante há vinte anos atrás. Quer dizer, a situação do país era tão caótica quanto é hoje, a ponto de justificar até mesmo um certo atrelamento da pesquisa direcionada. Enfim, só o tempo vai dizer. Acho que cada um de nós está cumprindo o seu papel de ir contando aí as coisas.

PG – É. E fazer a leitura de cada tempo também.

RM – Vamos só voltar aqui um pouquinho... Você citou alguns nomes dos amigos que eram cientistas, mas que eram de um grupo que não fosse Manguinhos. Otto Bier...

SH – Otto Bier, Leite Lopes, César Lattes, Maurício Rocha e Silva, Laboriau. Laboriau já é até antes um pouco, não é?

VH – Laboriau. Está fora de ordem em termos de época, não é?...

SH – Começou o Laboriau...

VH - Quem era o cara de Pernambuco? Eu continuo não me lembrando.

SH – De Pernambuco?

VH – Tinha, mãe. Bom, isso vai passar. E tinha os outros amigos dele das chamadas áreas de "humanidade", digamos assim, que a gente sempre esquece. Tem um que foi incluído na "humanidade", mas que não tinha nada de "humanidades": era Josué de Castro, que era super amigo dele.

PG – Almir de Castro, não?

VH – Almir de Castro, sem dúvida nenhuma.

SH – Mário Magalhães...

VH – Mário Magalhães...

SH – Agora vai entrar mais Tomás Pompeu Acioly Borges. Foi nosso amigo aqui. E tem Miguel Pereira...

VH – Aí vem a parte que não tem nada a ver com a Saúde: Miguel Pereira, tem Lia Cavalcanti...

RM – Mas quem é Lia Cavalcanti?

VH – Lia Cavalcanti é uma mulher assim inteligentíssima, culta, filha e neta de políticos. Trabalhou a vida inteira nas áreas políticas. Foi assessora e secretária particular de grandes vultos da política e tem uma paixão inveterada por cachorros, além de ser uma literata, além de escrever, além de ser cantora e tal. Então ela misturava tudo. Os amigos do peito da Lia eram Guimarães Rosa, Drummond, meu pai, enfim... Como era aquele outro?

PG – Mas o Walter não teve contato com Drummond e esse pessoal, não é? Aí era só a ponte.

VH – Não. Aí era só a ponte.

SH – Não, teve um pouco com o Callado. Fernando, como era o nome dele?

VH – Fernando Carneiro, a Leontina Figner que era mulher do Figner do Partido durante muito tempo...

SH – Ela era mulher do Figner. Dizia: "Eu não, Sirsson".

VH – Ah desculpe, do Sirsson. É a terceira vez que eu digo do interior do Partido. A família dele deve estremecer. Quem mais? Darci Ribeiro... Ah meu Deus do céu! Vou contar uma cena para vocês. Desliga aí, não tem nada a ver.